



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

PRISCILLA OLIVEIRA TAVARES

**AMOR E AFETIVIDADE NO PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE
SAINT-EXUPÉRY**

**JOÃO PESSOA – PB
2018**

PRISCILLA OLIVEIRA TAVARES

**AMOR E AFETIVIDADE NO PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE
SAINT-EXUPÉRY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras Português, do Centro de Ciências, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

**JOÃO PESSOA – PB
2018**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T231a TAVARES, Priscilla Oliveira.

Amor e Afetividade no Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry / Priscilla Oliveira Tavares. - João Pessoa, 2018.
61f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues Rodrigues.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. O Pequeno Príncipe. Amor e Afetividade. 2.
Ensino/Aprendizagem. I. Rodrigues, Hermano de França Rodrigues. II. Título.

UFPB/CCHLA

PRISCILLA OLIVEIRA TAVARES

**AMOR E AFETIVIDADE NO PEQUENO PRÍNCIPE, DE ANTOINE DE
SAINT-EXUPÉRY**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Letras
Português, do Centro de Ciências, Letras e Artes da
Universidade Federal da Paraíba, como requisito
institucional para obtenção do título de Licenciada.

Aprovada em: ____/____/2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____
Prof. Dr. Orientador – Hermano de França Rodrigues Universidade Federal da Paraíba
(UEPB)

Prof. _____
Prof. Dra. Eneida Maria Gurgel de Araújo (UEPB)

Prof. _____
Prof. Dr. Jailto Luis Chaves de Lima Filho (UEPB)

A Deus que está comigo em todos os momentos me ensinando a seguir em frente, a luta e os obstáculos podem ser grandes, mas maior e poderoso é o poder do meu Deus.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me capacitar a aprender e a transmitir os conhecimentos adquiridos, por me fortalecer todos os dias a enfrentar as dificuldades que surgiram em meu caminho e a me mostrar que sem Ele nada podemos fazer.

Agradeço a minha mãe por me ensinar os valores da vida e por ser a maior colaboradora na minha formação como pessoa (indivíduo).

Agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica, pelas orientações, pela simpatia e pelo encorajamento que me transmitiram com carinho a Professora Doutora Juliene Lopes Ribeiro Pedrosa, e em especial ao Professor e Doutor, meu Orientador Hermano de França Rodrigues que foi tão amável como pessoa e tão eficaz como profissional.

Agradeço as minhas amigas que iniciamos os nossos laços de amizade na Universidade para a vida, Juliana da Costa Silva, Maria das Dores Farias Gonçalves, Maria Helena Tinto e Amanda Flor.

Agradeço ao meu esposo Wilkerson Gomes de Sousa Silva, por me compreender nos momentos de ausência.

Agradeço a minha amiga Neusa de Moura Brito que foi como uma irmã para mim, por me incentivar a concluir meu TCC.

Por fim, agradeço a esta Instituição por ter me permeado a honra da titulação através do curso ofertado pela mesma.

“[...] Que quer dizer “cativar”?
– É algo quase sempre esquecido – disse a raposa.
– significa “criar laços”...
– Criar laços?
–Exatamente – disse a raposa”.

Saint-Exupéry

RESUMO

Tendo por base as lições extraídas da obra *O Pequeno Príncipe*, o estudo objetivou analisar os atributos do amor e da afetividade e como seu emprego no processo de ensino/aprendizagem pode influenciar na aprendizagem e na socialização de indivíduos. Para responder às questões norteadoras foi realizada uma consulta em livros, artigos e sites *online* correlacionando com os ensinamentos deduzidos do texto. Constatou-se que conflitos interpessoais podem interferir no aprendizado e nas relações sociais, portanto a utilização da literatura agregando amor e afetividade nas práticas pedagógicas poderá contribuir para um desenvolvimento cognitivo eficaz, bem como em transformações comportamentais de socialização e de autoestima. A pesquisa concluiu que o emprego da literatura no processo de ensino/aprendizagem é fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional, por proporcionar a construção de conceitos significantes para o relacionamento interpessoal de forma lúdica e agradável. Espera-se a continuidade em pesquisas sobre o tema, assim como que o estudo favoreça a motivação à reflexão de educadores que desejam oferecer uma educação pautada em um aprendizado mais humanizado.

Palavras-chave: O Pequeno Príncipe. Amor e Afetividade. Ensino/Aprendizagem.

ABSTRACT

Based on the lessons learned from *The Little Prince*, the study aimed to analyze the attributes of love and affectivity and how its use in the teaching / learning process can influence the learning and socialization of individuals. In order to answer the guiding questions, a consultation was carried out in books, articles and online sites correlating with the lessons deduced from the text. It was found that interpersonal conflicts can interfere in learning and social relations, so the use of literature by adding love and affectivity in pedagogical practices may contribute to an effective cognitive development, as well as behavioral transformations of socialization and self-esteem. The research concluded that the use of literature in the teaching / learning process is fundamental for intellectual and emotional development, because it provides the construction of meaningful concepts for interpersonal relationships in a playful and enjoyable way. It is expected continuity in researches on the subject, as well as that the study favors the motivation to the reflection of educators who wish to offer an education based on a more humanized learning.

Keywords: The Little Prince. Love and Affectivity. Teaching / Learning.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O amor cortês cantado pelo trovador	13
Figura 2 – Romeu e Julieta de William Shakespeare	17
Figura 3 – Baile de Máscaras	22
Figura 4 – Livro Piloto de Guerra	31
Figura 5 – Livro Terra dos Homens	33
Figura 6 – Livro Vôo Noturno.....	33
Figura 7 – Livro Cartas a um Refém	35
Figura 8 – Livro O Pequeno Príncipe	36
Figura 9 – Livro Cidadela.....	37
Figura 10 – Antoine Saint-Exupéry	39
Figura 11 – Jardim de Rosas.....	46
Figura 12 – A flor do pequeno Príncipe	49
Figura 13 – O Pequeno Príncipe deitado na relva	51
Figura 14 – O encontro do Pequeno Príncipe com a raposa.....	52

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	9
2 - O AMOR DESDE A IDADE MÉDIA ATE OS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS.....	11
2.1 Renascença.....	17
2.2 Iluminismo	20
2.3 Capitalismo.....	24
2.4 Modernismo.....	25
3- AUTOR E OBRA	28
4- ANÁLISE A OBRA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	41
4.1 A obra O Pequeno Príncipe e sua aplicabilidade no ensino/aprendizagem.....	41
4.2 O encontro do príncipezinho com a raposa e a rosa - uma abordagem à afetividade e ao amor correlacionando à educação.....	48
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	57

1 INTRODUÇÃO

Amor ou afetividade são sentimentos atemporais, indistintamente de gênero, idade ou tipo de relacionamento. Não é um sentimento estático, mas em transformação constante que parte de uma escolha. É possível conhecer o amor a partir do amor recebido.

Sobre isso, Bauman (2004, p.100) afirma que “[...] para termos amor próprio, precisamos ser amados. A recusa do amor, a negação do status de objeto digno do amor alimenta a autorrepulsa. O amor próprio é estabelecido a partir do amor que nos é oferecido por outros”.

Nesse contexto, a obra *O pequeno Príncipe* do ilustrador e aviador francês Antoine de Saint-Exupéry é uma literatura riquíssima em linguagem ilustrativa e de teor filosófico e poético que retrata numa linguagem infantil de forma simbólica e por meios de ilustrações o amor.

Em uma linguagem verbal e não verbal, *O pequeno príncipe* elabora uma comunicação narrativa e romântica com sujeitos da natureza, estabelecendo reflexões morais baseados no amor, de forma que evidencia a necessidade de que sejam observados valores às vezes implícitos dentro das socializações.

A elaboração deste estudo justifica-se primeiramente por nos sentirmos atraídos pela referida obra, devido ser uma linguagem tão infantil com possibilidade de reflexões tão profundas para adultos e também pelo fato de estarmos adentrando em um campo do ensino pedagógico no qual possivelmente encontraremos no decorrer da caminhada situações de dificuldades de socialização, de forma que a aplicação da literatura certamente será uma ferramenta de grande relevância para transmissão de valores a serem observados.

Os desafios na fase de transformação de identidade são inúmeros, de forma que o choque psicológico é muito intenso, em que os indivíduos desenvolvem um sentimento de poder interior, descobrindo-se como um ser esperto, introspectivo, com uma habilidade de resolução de seus problemas, ou seja, certo egocentrismo. Sobre esse assunto, Erikson (1956, 1963 *apud* Márcia, 1966, p. 551) respalda que “a identidade do Ego e a difusão da identidade consultam aos resultados polares da crise psicossocial suposta que ocorre na adolescência [...]”. Nesse sentido, a questão norteadora seria: a literatura poderá contribuir para proporcionar mudanças de valores e comportamentos nas socializações? As fragilidades das relações podem afetar o processo de ensino e aprendizagem?

Nessa perspectiva, o estudo objetiva analisar as características do amor e afetividade na Literatura *O Pequeno Príncipe* e como sua aplicação no processo de ensino/aprendizagem pode influenciar na socialização de indivíduos.

Para o alcance do objetivo propõem-se como objetivos específicos: Identificar na narrativa da literatura quais os momentos em que o sentimento de amor e de afetividade é evidenciado; Identificar como o sentimento do amor proporcionou transformações nos relacionamentos do pequeno príncipe e Analisar através de pesquisa bibliográfica relacionada de que forma a literatura pode influenciar nas relações interpessoais e na aprendizagem.

Para a elaboração da pesquisa haverá investigações na Literatura *O Pequeno Príncipe*; em artigos e livros nas línguas portuguesas e estrangeiras, bem como em sites *on line*.

A pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002):

É feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto (FONSECA, 2002, p. 32).

Nesse sentido, os termos utilizados nesta busca serão: amor; afetividade; aprendizagem; literatura; socialização, a fim de que seja possível a proximidade à pesquisa desejada. De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa permite uma aproximação e uma compreensão do fato a investigar, como um processo efetivamente inacabado. Decorre através de semelhanças consecutivas da realidade, fornecendo elementos para uma intervenção no real.

O estudo recorrerá em três capítulos: no primeiro capítulo será abordado sobre o amor desde a idade média até a contemporânea; no segundo capítulo se discorrerá a respeito do autor e sua obra e no terceiro capítulo será elaborada a análise da obra de forma geral e sua influência no processo de ensino/aprendizagem.

Propõe-se, através dessa pesquisa, corroborar com estudos sobre ensino/aprendizagem através da Literatura *O Pequeno Príncipe* e proporcionar a possibilidade de transformações dos comportamentos de crianças através dos valores evidenciados por meio da leitura de literaturas a exemplo do livro objeto desse estudo.

2 O AMOR DESDE A IDADE MÉDIA ATE OS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

O amor é um sentimento difícil de conceituá-lo, pois existem várias formas de ser demonstrado, podendo surgir a partir dos laços primários até o momento em que outras relações vão fluindo no decorrer da vida. Silva (2014, p. 11) explica que “os seres humanos nascem com um sistema psicobiológico (sistema comportamental de vinculação) que os motiva a procurar proximidade de outros (figuras de vinculação)”.

De acordo com Ackerman (1997, *apud* Almeida, 2015) se a origem da palavra amor fosse investigada, obteria uma história vaga e confusa, que reportaria à palavra sânscrita *lubhyati* (ele deseja).

Segundo Quadros (2011p, 165) a língua grega define as três principais interpretações do amor: Eros, Fília (ou Philos) e Ágape. O autor explica que “primeiro faz alusão ao amor sexual; o segundo à amizade (caridade) e o último a um amor espiritual”.

Segundo Hendrick e Hendrick (1988 *apud* Barbosa, 2008) existem seis distintos estilos de amor. Segundo os autores:

O amor é visto como algo flexível, capaz de se adaptar a distintos padrões culturais, históricos, políticos e sociais, com atributos marcantes concernentes aos diversos estilos de amar que se revelam sob três formas básicas, denominadas: Eros (amor passionai, sexual, apaixonado, idealizado, estabelecido pela atração física e eroticidade), Ludus (amor como jogo, sem comprometimento, baseado na aventura, na superficialidade, na diversidade de parceiros) e Storge (amor de amizade, companheirismo, baseado em afinidades), e três secundárias: Mania (amor obsessivo, possessivo, com ciúme dependência do outro), Pragma (amor lógico, prático, racional, baseado em uma lista de características desejadas no outro a serem preenchidas) e Ágape (amor desprovido de egoísmo, altruísta, doador) (HENDRICK; HENDRICK, 1988 *apud* BARBOSA, 2008, p.41).

Nesse sentido, o amor sempre existiu de alguma forma, desde a antiguidade até os tempos atuais, porém, de acordo com Almeida (2015), no período primitivo não houve nenhum registro nas pinturas paleolíticas que evidenciasse algo que expressasse o amor ou mesmo cenas de coito.

Nesse capítulo, portanto, será apresentado o amor desde a Idade Média até a Idade Contemporânea.

A Idade Média pode ser compreendida como um período de mil anos que corresponde entre a Antiguidade (1453) e a Idade Moderna (1453). Essa delimitação se deu com a queda do Império Romano do Ocidente, século V e o final da queda do Império Romano Oriental, século XV quando os turcos tomaram a Constantinopla (LINS, 2012, p. 141). As tribos que ocuparam a Europa Ocidental implantaram seus hábitos primitivos naquele lugar outrora com uma cultura sofisticada jamais esquecida pelos que ficaram. Nesse

completo caos político nessa época, a Igreja conseguiu se inserir reconhecidamente, entre os bárbaros como uma partidária política.

Nesse contexto o progresso foi se instalando tecnicamente, de forma que a criação do relógio mecânico era considerada uma das maiores invenções na Europa (Séc. XIV), porém com o progresso da ciência, o homem acabou estabelecendo uma proporcionalidade entre Deus e a natureza, que de acordo com os autores esta se destituiu do sagrado (LE GOFF, 2008, p.9).

Todo tipo de cultura era negada e qualquer exibição do corpo era refreada e o individualismo se instalava na sociedade, de forma que nenhuma qualidade era valorizada. Nesse tempo, o amor era canalizado totalmente à Deus, distintamente do sexo, de maneira que tudo que era relacionado ao amor, era de Deus e portanto, o sexo, do diabo. Para o casamento o sentimento que ligava às pessoas era uma graça conjugal, ou seja, apenas uma terna amizade; o sentimento de amor e desejo sexual que ligava o homem e a mulher não poderia de forma alguma existir, tendo que ser mortalizado e direcionado ao exercício da graça.

Lins (2012) explica esse período relatando que:

O sentimento amoroso, a relação entre dois indivíduos da qual fazia parte a atração sexual e a igualdade entre os parceiros, esteve totalmente ausente na concepção cristã de amor conjugal. Este não poderia jamais ser o amor recíproco entre um homem e uma mulher. Os cônjuges deveriam querer o bem um do outro, deveriam até manter alguma amizade, desde que no âmbito da caritas. Durante toda a Idade Média, e mesmo nos séculos seguintes, o amor entre os cônjuges não pertencia ao casamento. Os teólogos preferiam tratar de Deus, da caridade e dos atos. Oscilavam entre a erotização de Deus e a ritualização da cópula, suprimindo o possível sentimento dos cônjuges (LINS, 2012, p. 142/143).

Nessa época, então o corpo era totalmente desprezado com suas paixões e a mulher era algo diabólico, porém paradoxalmente, o corpo era respeitado.

No século VIII, segundo Lins (2012) o amor tornou a existir como outrora e os jovens guerreiros passavam a ter direito como recompensa as mulheres cativas viúvas de seus barões.

No final do século XI, Idade Média surge o amor cortês expressado nas cantigas dos trovadores por intermédio dos poetas cantores que transitavam nas cortes feudais (BARROS, 2015, p. 2016).

Figura 1 – O amor cortês cantado pelo trovador



Fonte: <https://www.emaze.com/@ATWLOZZF>.

O primeiro trovador, de acordo com Lima (2012, p.163) foi Guilherme IX, Duque de Aquitânia e Conde de Poitiers (1071-1127), pessoa bastante estimado e também considerado um poderoso nobre na cristandade da época. Estava acostumado a viver alimentando a prática da sensualidade e sedução, porém um pregador, Robert d'Arbrissel conteve suas atitudes com relação às damas que se convertiam ao cristianismo por medo do inferno, que segundo Robert d'Arbrissel estava direcionado às pessoas adúlteras.

Segundo Lewis (2012), possuía características inerentes como humildade, cortesia, adultério e a religião do amor. Na relação, o homem era considerado um amante, o amor cortês era servil, de forma que o homem sempre servia a donzela executando todos os seus pedidos por mais extravagantes que parecesse; a forma de tratamento utilizado do homem para com a sua amada é “midons¹”.

Esse comportamento considerava-se uma “feudalização do amor”. Lewis ainda comenta que [...] “apenas o amor cortês é capaz de amar, mas é o amor que o torna cortês. Esse amor, sem dúvida, embora não fosse nem galhofeiro nem licencioso em sua expressão, é sempre o que o século XIX chamou de amor “desonroso”. O amor cortês evidenciado nos versos denotava uma entrega total de si mesmo à mulher amada, como descreve Guilherme de Poitiers (1071-1127 *apud* Barros, 2015, p221):

Pelo contrário, entrego-me a ela a ponto de deixar que me inscreva no rol dos seus criados. “E não me tenhais por ébrio se amo a minha boa senhora, pois sem ela não posso viver, tal o domínio que sobre mim exerce a esperança do seu amor” e “Que proveito tereis, graciosa dama, em que vosso amor de mim se distancie? Parece mover-vos a vontade de ser monja. E sabeis que vos amo tanto, que chego a temer que a dor me fira, se não me reparardes as injustiças de que vos acuso (GUILHERME DE POITIERS, 1071-1127 *apud* BARROS, 2015, p. 221).

¹ Etimologicamente significava “meu senhor”.

Lins (2012) relata a história de um enamorado excêntrico, Ulrich von Lichtenstein que nasceu aproximadamente em 1200 d.C. em uma pequena nobreza, tornou-se um cavaleiro errante, que guerreava em torneios de grande bravura, por volta dos cinco anos ouviu falar que a verdadeira felicidade e honra só poderiam ser alcançadas por intermédio do serviço em prol de uma mulher nobre e digna de ser amada, cujo nome nenhuma pessoa poderia mencionar. Para conquistar esse amor Ulrich se submeteu a enfrentar árduas e quase impossíveis tarefas e desafios, o amor verdadeiro tinha de ser clandestino, agri-doce e agitado.

Embora a atitude de Ulrich ter sido exagerada, conforme afirma Lins (2012), serviriam para manifestar o que se acreditava como deveria ser o amor cortês, ou seja, “os homens eram considerados como grosseiros e insensíveis até que o amor, como um relâmpago, viesse sacudir-lhes o tutano dos ossos; e então adquiriam cortesia, a sede de saber e a gentileza nos modos (LINS, 2012, p. 160).

Ainda segundo Lins (2012 p. 158), na Idade Média o amor deveria ser dirigido somente a Deus, esse sentimento como forma de paixão era algo irracional e destrutivo, portanto ocorreu um importante momento quando se deu a transição do amor unilateral (amor a Deus) para o amor recíproco, “por volta do fim do século XI, alguns poetas e nobres do sul da França conceberam uma relação amorosa original entre o homem e a mulher que ficou publicada como amor cortês”.

Sobre o amor na idade média, Huizinga e Johan (1924, p. 111 *apud* Lins, 2012) comentam que:

Quando o desejo insatisfeito foi colocado no centro da concepção poética do amor, deu-se uma virada importante na história da civilização. A Antiguidade também tinha cantado os sofrimentos do amor, mas nunca os tinha concebido como esperanças de felicidade ou como frustrações lamentáveis dela (HUIZINGA e JOHAN, 1924, p. 111 *apud* LINS, 2012, p. 158).

Ainda de acordo com os autores, esse termo iniciou como algo informal, apenas como galanteios, tornando-se um conceito literário. Hunt e Morton (1963, p. 120 *apud* LINS, 2012, p. 158) explicam que somente os aristocratas feudais usufruíam desse privilégio, tornando-se acessível à classe média ao ponto de exaltar o adultério e virgindade; traição e fidelidade; desregramento e integridade; sofrimento e o prazer.

O amor cortês perpassou por diversas fases, em se tratando do período da rebeldia, contradizia o amor pregado pela igreja, de forma que os trovadores exaltavam o amor dos amantes, considerado, portanto um sentimento vulgar. Segundo Ackerman e Diane (2003) outro acontecimento nessa fase relevante foi que “a mulher deixou de ser inferior e subordinada para conquistar equivalência de condições no amor e ser enobrecida por ele”.

Quanto ao período das fantasias eróticas no amor cortês, o cavaleiro deveria servir a sua dama pelo amor a ela devotado, isto que o impulsionava ao ponto de partida do ensejo principal e imutável das fantasias eróticas; o homem deveria demonstrar sua coragem, vivenciando o perigo, de forma que todo sacrifício que fizesse pela sua dama se transformava em uma atitude sensual.

Em se tratar do poder exercido pela mulher na idade média em relação aos homens, essa mudança ocorreu porque só os homens mais velhos podiam receber a herança, com isso os mais novos se tornavam apenas cavaleiro devido suas forças e dedicação as solicitações das damas do corte. O amor nessa época precisava ser batalhado; sofrido para ser merecido, de maneira que “a dama só aceitava o amor do cavaleiro que a merecesse, portanto o sujeitava a inúmeras provas” (LINS, 2012, p. 159).

O sexo no período medieval era um ato separado do amor, pois a igreja dizia que sexo estava ligado ao casamento apenas, já o amor fazia parte dos amantes do amor cortês que expressavam e acalmavam suas necessidades lascívia, segundo Tannahill (1983), “a virtude era o atributo que, ao elevá-las a algum plano imaculado, isentava o amor a elas dedicado de toda a carnalidade, deixando-o livre para alcançar as alturas do domínio espiritual”. Não havia nenhuma maldade em que os homens passassem suas noites deitados nus com suas amadas apenas ‘conversando’. A Literatura expressava com louvor esses desejos através das pinturas e canções. Na verdade o ponto máximo do ato sexual era considerado falso pelos trovadores que enalteciam como verdadeiro e “puro” apenas o beijo, o carinho e as carícias.

Foi justamente nessa época que a Literatura cortês começou a ganhar espaço ao desenvolver e retratar histórias de pessoas que viviam em casos extraconjugais, como o adultério, bem exercidos pelos nobres.

Vrissimtzis (2002) comenta que o amor adúltero na idade média acontecia porque os esposos iam para a guerra e as mulheres, lisonjeadas pelos cavaleiros iriam viver esse relacionamento de perigo em contrapartida de um casamento monótono. Na verdade “o amor se desenvolvia sempre fora do casamento, no adultério”.

Barros (2008) respalda que o amor cortês era:

Um amor tão extremo quanto ambíguo, apresentando na mesma dinâmica uma indisfarçável carga de erotização e uma dimensão idealizada, ao mesmo tempo em que carrega a mistura dramática que faz com que este “amor sutil” tanto enobreça e eduque aquele que ama, como o empurre tragicamente em direção ao sofrimento e até à morte. Completam o conjunto de sentimentos que o Amor Cortês envolve o desejo – maior do que tudo no mundo, mas irrealizável sob pena de que se acabe o próprio amor – e o perigo de que este amor seja descoberto, e que isto acarrete no fim da relação amorosa ou abale a reputação da dama (BARROS, 2008, p. 6).

De acordo com Pretto et al. (2009, p. 396), no séc. XII o amor cortês aparece como contestação à normas e padrões que a Igreja e a sociedade determinaram. No primeiro momento surgindo como um amor-paixão com característica de sofrimento e anseio insatisfeito, de forma que a felicidade era simplesmente o consentimento da própria abnegação carnal; em outro momento, há uma espiritualização do amor em que “a dama” é reconhecida como algo inatingível.

Na Grécia, ainda no século XII, o amor era dirigido ao enaltecimento do caráter, porém relacionado à homossexualidade. Em Roma só existia o sentimento da busca do prazer sexual, apesar de os cristãos focalizavam a necessidade de se restringirem sexualmente e se dedicarem ao amor puro.

A despeito do casamento, nesse período e meados do século XV, a igreja começou a impor o matrimônio como sacramento indissolúvel e monogâmico, porém não foi algo obrigatório para os fieis. Sobre a primeira noite de núpcias, não tão publicada, Hunt (1963 *apud* Lins, 2012, p. 171) relata que a noiva não tinha privilégios e que ela podia ser deflorada pelo senhor feudal.

A intimidade do casal nos séculos XIII e XIV, de acordo com Lins (2012) é retratada pelo escritor Giovanni Boccaccio como o amor conjugal vivenciado pelo casal que com portas fechadas oravam antes do momento da nudez.

No século XII, de acordo com Lins (2012, p. 183) aconteceu uma das histórias de amor mais comentadas da Idade Média. Abelardo, mestre em teologia se apaixonou por Heloísa, uma jovem de 15 anos. O tio de Heloísa, Fulbeert, descobrindo que o jovem casal mantinha uma relação amorosa e que Heloísa estava grávida procurou prejudicar Abelardo obrigando-os a se separar; como isso não aconteceu, Fulbert castrou o jovem rapaz que terminou seus dias como monge no mosteiro de Paraclet e Heloísa mais tarde se tornou madre superiora.

No final da Idade Média, tanto o casamento como as mulheres perderam o valor. Elas eram consideradas inferiores ao homem; poderiam ser apenas esposas, prostitutas ou freiras.

Para resumir o amor cortês na Idade Média, Lins (2012, p. 191) ressalta que foi um momento que refletia o respeito pelas mulheres, segundo a autora, a imagem daquela que era subjugada e menosprezada por um homem opressor e brutal; na interpretação trovadoresca esse quadro foi convertido pela mulher poderosa e do homem cavaleiro.

2.1 Renascença

O final do século XVIII e início do século XIX são marcados pela Renascença que de acordo com Pretto et al (2009, p. 2) é evidenciado o amor romântico ou amor-paixão. Segundo os referidos autores, “ênfatiza a tragédia do amor e acaba por não romper com o fundamento idealista, na medida em que é vivido de forma passiva e infeliz, sendo entendido predominantemente como sofrimento que recompensa a vida”.

Sempre convergindo para o casamento, o amor romântico tornou possível o relacionamento entre um homem e uma mulher a partir do século XIX, conservando possibilidades no pensamento contemporâneo (LINS, 2012).

Figura 2 – Romeu e Julieta de William Shakespeare



Fonte: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2009/12/romeo-and-juliet.jpg>.

Apesar do movimento humanista da época, do casamento ser tratado pelos pais como um negócio financeiro na Europa, aproximadamente em XVI, esse cenário foi modificando, de maneira que a mulher já poderia ser considerada objeto de amor, apesar de o homem continuar tendo direitos sobre ela, inclusive de surrá-la.

Os debates a respeito do amor puro e platônico e sobre o amor sensual era praticado nas cortes na Europa Ocidental, porém sexo e amor ainda permaneciam no pensamento dos homens na Renascença. A busca pelo amor platônico pelas damas da época que se mantiam puras, faziam sentir-se recompensadas pelos seus maridos em um âmbito emocional.

Nesse período o amor puro passa a ser companheiro do casamento, de forma que as emoções já podiam ser vivenciadas unindo o relacionamento sexual ao mais doce sentimento, inspirando os textos mais românticos que terminavam em casamento.

Nesse contexto, de acordo com Lins (2012), a literatura romântica da época retrata a união de Romeu e Julieta de Shakespeare que representa com fidelidade a Renascença. Um casal apaixonado que se casa, mas as normas familiares e da política do período insistiram em impedir esse amor.

Nesse período exalta-se também o a lenda do romance vivido por Tristão e Isolda. Segundo Milan (1983) comenta que Tristão é a figura especular de Isolda, como ela induz à morte, condição do amor eterno. Milan descreve:

Tristão e Isolda, uma promessa de amor que vence o tempo – nenhum deles é dememoriado e cada um supõe a memória de todos os outros; já eu cultivo o esquecimento – para brincar preciso poder esquecer o que prometo, não sabendo o que prometi sei que te quero e assim deslembro eu te amo (MILAN, 1999, p. 48).

O modelo de amor romântico que resultava em casamento ia de encontro com a classe média que havia experimentado o amor cortês da Idade Média com os relacionamentos extraconjugais.

As xilogravuras e às tapeçarias do século XV descreviam o jardim fechado romântico, as fontes e tanques, caminhos estreitos e latadas de rosas ou vinhas que era o local propício a um encontro amoroso, cortês ou religioso (CHARTIER, 2009, p. 216).

Sobre o amor na família, Lins (2012) comenta que:

A vida familiar havia começado a mudar. As batalhas tinham diminuído, os negócios mantinham os homens perto de seus lares, marido e mulher passavam mais tempo juntos e era melhor que fosse uma união agradável. [...] A classe média ansiava em se igualar às maneiras amorosas dos cortesãos, mas sempre num contexto purificado e moral (LINS, 2012, p. 2015).

Sobre o homem na Renascença, deveria ser fidalgo, poético, habilitado ao heroísmo e ao revés. “A Idade Média inventou o cavaleiro. A Renascença inventou o cavalheiro — um cavalheiro de maneiras perfeitas, mas sem qualquer moralidade” (ACKERMAN, 2003, p. 81).

Nesse período, as duas facetas da mulher eram conflitantes; por um lado a igreja e o clero enxergavam a mulher como a feiticeira, um instrumento do pecado; por outro lado, os cortesãos cultos a enxergavam como damas. “Os humanistas, portanto se mantinham interessados no amor; os teólogos, no pecado” (LINS, 2012. p. 254).

A história da Renascença traz à tona o casamento de Henrique VIII, rei da Inglaterra e suas seis esposas Catarina de Aragão, Ana Bolena, Jane Seymour, Ana de Clèves, Catarina Howard, Catarina Parr entre os anos de 1491-1547. Lins (2012) relata que nessa época, para a Igreja Católica o casamento era considerado indissolúvel. Por imposição de seu pai, Henrique II, aos 18 anos, o rei Henrique VIII se casou com a viúva de seu irmão que era mais velha que ele e menos atraente. Como as maiorias dos casamentos, era um acontecimento movido a

interesses políticos e econômicos, porém Catarina não teve filho para herdar o trono, então o rei abandonou-a sexualmente e passou a possuir várias amantes, o que era escândalo para a época. Se apaixonando pela primeira vez, aos 36 anos por Ana Bolena, porém a jovem fazendo o jogo da sedução começou a recusá-lo.

Uma de suas cartas para a sua amada dizia:

Asseguro-lhe que daqui por diante meu coração será dedicado somente a você, com um forte desejo de que meu corpo também possa dedicar-se dessa forma. Confio em que dentro em pouco, gozarei isso que há tanto tempo venho ansiando por gozar... Penso que anseio por isso desde que a beijei (LINS, 2012 p. 237).

Essa história perpassou por grandes dificuldades mediante a Igreja e o Papa Clemente VII. Henrique é excomungado pela Igreja pelo fato de que Ana fora sua amante e agora o rei Henrique queria torná-la sua esposa. Devido a tantos reveses, Henrique se cansou da idéia de casar-se com Ana e do amor a ela dedicado acabando por acusar-lhe de leviandade, mais tarde, declarado nulo o casamento e dois dias mais tarde, em 19 de maio de 1536, Ana foi decapitada.

A Renascença então foi marcada pelos galanteios cortejadores e pelo amor mútuo entre marido e mulher pregado por Lutero como mandamento de Deus, mas esse não era o pensamento de todos, havia grande divergência no pensamento dos puritanos e protestantes sobre o sexo e o amor, mesmo assim foi uma época que oportunizou aos homens experimentar o sentimento de amor e carinho pela mesma mulher por quem sentiam-se atraídos sexualmente.

O amor romântico foi direcionado aos poetas, músicos e rebeldes; aos homens executivos não lhe cabiam esse tipo de amor, a sociedade não convivia lado a lado com a razão e convenção, um dos princípios do romantismo foi o ato de protestar. Segundo Ackerman (2003):

Protestando contra os corações refreados dos racionalistas, os românticos do século XIX potencializaram uma sensibilidade delicada para o mundo, a prontidão estética às vezes transportava à fraqueza física, ao pessimismo e ao desespero. Floresceu uma poesia amorosa, nem lasciva nem espirituosa, mas recatada e sentimental, plena de êxtase assexuado (ACKERMAN, 2003, p. 120).

O assunto do amor romântico era tema que não faltava em romances e nos manuais de *savoir-vivre*². Sobre isso Nehring (2012) discursou:

[...] Porém, na realidade, não será a busca do amor a mais importante e a mais difícil de todas? Foi a serviço do amor, do “romance”, que os cavaleiros mataram os monstros mais ferozes, os heróis ganharam as competições mais difíceis, os poetas

² Saber-viver. (fonte: <https://www.priberam.pt/dlpo/savoir-vivre>).

escreveram os melhores versos. Longe de ser o oposto de uma busca, não será o amor romântico a mãe de todas as buscas? (NEHRING, 2012, p. 19).

Os homens discursavam sobre o amor em forma de poesia, porém era necessário reprimir-se da sexualidade, de forma que nesse período admiravam a mulher a mulher introvertida e casta e não àquela que era acostumada ao flerte.

2.2 Iluminismo

Após o período da Idade Média começa uma nova fase, a fase do Iluminismo conhecido como “Idade da Razão” em que o amor deixa de ser um sentimento desejado e passa a ser desprezado por muitos da nobreza, nesse período o intelecto e a ciência ganham espaço e destaque. A desilusão deixada pela Idade Média depois da Renascença e da Reforma, também os Europeus estavam cansados das guerras travadas entre os católicos e os protestantes contribuíram para essa mudança.

No amor cortês o que importava era a dedicação e devoção à amada, quando mais sofrimento mais satisfação o cavaleiro sentia, era um amor que não envolvia o prazer da carne, só o sentimento de amar. Já o amor na fase do Iluminismo era um amor racional, a razão e o desejo falavam mais alto.

Sobre essa racionalidade, Lins (2012) comenta que:

Giuseppe Parini, poeta italiano, definiu o amor dizendo que ele é apenas “a satisfação do desejo em nobre liberdade”; o naturalista e escritor francês conde de Buffon disse: “Nada há de bom no amor, a não ser a parte física”, e para o escritor e humorista francês Sebastien Chamfort, “o amor não é nada mais que o contato entre duas epidermes” (LINS, 2012 p. 20).

Esses poetas retratam como o amor deveria ser vivenciado, que ninguém esperava nada de sentimental; não existia a pureza no amor, o desejo era se sentir livre sem culpa, o que prevalecia era a junção de dois corpos que se unem em prol de saciar um anseio carnal.

Sobre esse momento vivido no Iluminismo em relação ao amor e ao sexo, Nehring (2012) parafraseia:

O problema não é que ser um objeto sexual seja indigno. Todos nós somos objetos sexuais, homens e mulheres-o que de forma alguma exclui sermos simultaneamente agentes intelectuais. A questão reside em outro lugar. Trata-se da banalização do amor, que é a tragédia de nossa época. Trata-se de um processo metódico de desmistificar Eros, torná-lo recreativo, automatizá-lo, comercializá-lo, torná-lo uma questão médica tratável, e domesticá-lo, e isso está transformando o mundo de hoje em um lugar sem encanto. (NEHRING, 2012, p. 16).

De acordo com Lins (2012) a professora de literatura e escritora alemã Christine Zschirnt (2006) esclarece que a aristocracia francesa do século XVIII não associava o sentimento de sinceridade com o amor; amar estaria relacionado a jogar, logo o amor era visto como um jogo social, em que a paixão não poderia tomar o lugar da razão. Esse jogo social envolvia frieza, estratégias, hipocrisia e habilidade de manipular o outro, nesse jogo é preciso usar máscaras se quiser obter a vitória, pensar antes de agir e calcular cada passo dado.

Sobre esse assunto, Nehring (2012, p. 15) comenta que nesses dias “o romance era pobre e diminuído. Para alguns, ele continuava sendo um constrangimento explícito, um mito desacreditado [...]. Para outros, o romance tornou-se um esporte recreativo”.

Nos séculos XVII e XVIII, para a alta nobreza da Europa, o amor era considerado como obra-prima da oratória, o indivíduo poderia aprender e controlar o amor. Lins (2012) comenta que nos romances da época, amor significava intriga, era egoísta, mentiroso, destrutivo e só convinha à satisfação dos próprios desejos.

Ainda referente ao século XVIII, Lins (2012) conta que a aristocracia e as pessoas que possuíam conhecimentos intelectuais apoiaram os novos pensamentos científicos e racionais dando espaço a novas discussões e pensamentos que incluíam seus próprios pontos de vista, se não concordassem com o assunto, automaticamente um novo aspecto era colocado em questão, ninguém aceitava mais os dogmas e conceitos estabelecidos ou ditados pela igreja, cada um explanava suas ideias e os saberes já adquiridos. Nesse período surgem os grandes filósofos, físicos, matemáticos entre outras ciências, bons questionadores do saber como: Descartes, Galileu e Newton, homem que iniciaram mudanças em vários aspectos do mundo.

O Iluminismo com o seu Lema: Liberdade, Igualdade e Fraternidade instigaram os movimentos sociais como independência das colônias inglesas na América do Norte, Inconfidência Mineira do Brasil e principalmente na Revolução Francesa de (1789 -1799).

No Século das Luzes ou Idade da razão, como era chamado, viver segundo os ensinamentos da igreja já não fazia tanto sentido assim, dizer não aos prazeres, as riquezas, ao bem-estar e a saúde, não estavam nos planos das pessoas, o Iluminismo mudou o modo de pensar de muitos, de maneira que pensar e viver os prazeres e as paixões estava sempre presentes no cotidiano de alguns. Ninguém temia ao Deus possessivo nem ao demônio líder do inferno o que importava era a razão a lei da natureza que era divina e universal. “O amor era considerado ridículo, Ninguém queria ser escravo das emoções. Homens e mulheres tinham grande preocupação em ocultar seus verdadeiros sentimentos” (LINS, 2012, p. 273).

O amor romântico era inestético, aquele amor que causava sofrimento que os trovadores cantavam isso já não existia mais, nem uma emoção ou sentimento idealizado. A emoção que ditava as ações, tudo isso estava para a aristocracia porque para as pessoas mais humildes como os comerciantes e seus filhos deveriam continuar suas vidas praticando os ensinamentos da igreja. Sobre isso, Lins (2012) relata que:

O escritor irlandês Jonathan Swift, em 1723, alertou uma jovem que ia se casar: “O amor é uma paixão ridícula, que não tem razão de ser fora dos livros de recreação e dos romances.” Muitas pessoas por toda a Europa, demonstravam a mesma opinião. O estilo romântico, sofredor e idealizado, parecia-lhes uma loucura supersticiosa da infância da humanidade (LINS, 2012, p. 23).

Nessa época, escolhiam acreditar no amor apenas como atração sexual, um desejo normal que era para ser satisfeito quando fosse oportuno. No iluminismo, o amor não tinha nenhum valor entre os mais abastados e intelectuais, de maneira que as emoções tinham que ser enrustidas.

Os bailes de máscaras foram uma oportunidade de demonstrarem seus desejos e sentimentos sem ser descoberto, devido ao fato de todos estarem usando máscaras e roupas que no habitual não eram utilizadas, no início os bailes eram frequentados pelos que faziam parte da aristocracia, com o passar dos tempos no século XVIII os bailes se tornaram públicos, e tanto a classe nobre como a classe simples poderiam participar.

Figura 3 – Baile de Máscaras



Fonte: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/teatro-grego-mascaras-para-recortar-e-colorir/>

Lins (2012) esclarece que os bailes de máscaras nesta época eram muito apreciados; e famosos. De acordo com a autora, não expor o rosto correspondia plenamente com disfarçar os próprios sentimentos. “Tudo era permitido, desde que as emoções fossem ocultadas, e que as normas do protocolo fossem observadas” (LINS, 2012 p. 24).

As pessoas sentiam a necessidade em esconder o que sentiam de verdade, pois o protocolo estabelecia que as expressões verbais utilizadas devessem ser elegantes e comedidas; com o uso de palavras rebuscadas, repletas de formalidade e infindáveis cortesias orais. De forma que o discurso romântico no século XVIII era muito interessante: o apaixonado era um homem divino; a mulher, um anjo de virtude e de honradez; o amor, visto como um conhecimento enigmático.

Segundo Hunt (1963 *apud* Lins, 2012, p. 24) “o dileto entre os enamorados eram singularmente amistoso “ninfá espirotuosa”; “modesta sinceridade sedutora”; “encantos afetuotos”; “vívidos transportes” e “agradáveis labaredas”.

Alexander Pope, poeta inglês redigiu cartas de amor para Lady Mary Wortley Montagu pelo fato de ter ela declarado que ele estava apenas sendo galante. Alexander declarou como se estivesse em soluços:

Seria a mais vexatória de todas as tiranias, se a senhora considerasse simples gracejo o que é mero disfarce de um coração descontente que não alimenta desejo algum de fazê-la tão melancólica como ele próprio; e considerar zombaria o que é apenas o transbordamento natural e ardoroso do mesmo coração, que foi melhorado e despertado pela estima que nutre para consigo (HUNT, 1963 *apud* LINS, 2012, p. 24).

Os românticos tinham prazer em serem deliberadamente afetivos, deprimidos, efervescentes ou chorões, de acordo com as situações. O poeta irlandês Tom Moore, ao entoar algumas canções patéticas, deixou o público tão sensibilizado ao ponto de saírem da sala em lágrimas.

Milan (1999) retrata esse amor desapegado quando recita:

O amor rememora a perda original e o faz negando-a. A ele não importa a verdade, só a certeza de não ser desdito e de poder se renovar, das ilusões é a que mais cultivo. A tudo eu prefiro amar, disso dependo não para ser quem sou e sim o que quero ser [...] (MILAN, 1999, p. 32).

Nesse período, o casamento possuía a característica de conquistar fortuna, porém não era um passo para a felicidade conjugal, nem tão pouco para paixões ardentes ou românticas, de maneira que se surgisse o amor, seria depois do casamento, como relata Bologne (1999 *apud* Lins, 2012, p. 41) em referência ao caso de mademoiselle d’Aquéria:

Em 1748, ela abandona o convento para ser apresentada a um jovem. No regresso desse encontro — a sua primeira saída —, escreve à mãe as suas impressões: “Não sinto qualquer repulsa, é impossível senti-la. Espero que, se estivermos unidos nesse tempo, me deixe arrastar pelo prazer de amá-lo.” A ausência de repulsa pelo marido que lhe é destinado é suficiente para deixar desabrochar o amor, mas só depois do casamento. O amor é um sonho que uma moça sensata sabe que é inacessível (BOLOGNE, 1999 *apud* LINS, 2012, p. 41)

Sobre o amor impossível, Milan (1999) afirma em seus poemas: “não obstante, insistimos neste desejo impossível e o amor vive da crença de poder realizá-lo. Dizer isto é afirmar que estamos fadados à insatisfação e não à felicidade como tanto supomos para existir” (MILAN, 1999, p. 15).

Lewis (2012) comentou que:

Casamentos não tinham nada a ver com amor, e não se tolerava nenhuma “bobagem” a esse respeito. Todas as uniões eram por interesse [...] continuamente sem mudança. Se a aliança que havia servido a um interesse já não servisse mais, o objetivo maior do marido era se livrar da donzela o mais rápido possível. Os casamentos eram frequentemente dissolvidos (LEWIS, 2012, p. 25).

2.3 Capitalismo

Com o transcorrer do tempo e início da era burguesa, a mulher começou representar, a provedora financeira e em contrapartida o homem era o realizador das fantasias, bem como o responsável para exercer o papel do patriarca. De forma geral, “o amor entre os cônjuges devia ser considerado um segredo, de tal forma contrariava o código de civilidade” (PROST; VINCENT, 1992, p. 293).

De acordo com Rüdiger (2012), na metade do século XX, a sociedade no Ocidente pregava a figura do homem dominante e a mulher domesticada. Nesse período, de acordo com Rüdiger (2012), o matrimônio:

Era uma maneira de garantir o sustento e auxílio entre os companheiros. Os valores familiares e patrimoniais contavam mais que os afetos. Os compromissos possuíam um cunho moral e coletivo, segundo o autor, experimentar um amor romântico era visto menos como uma utopia do que com ceticismo pela maior parte das pessoas (RÜDIGER, 2012, p. 149).

O amor não era um sentimento a ser cultivado, pelo contrário, reconhecê-lo era algo vergonhoso e fragilizador, na verdade era considerado apenas como “influenciador de cenários fantasiosos que dotam seu objeto de mistério e poder” (ILLOUZ, 2011, p. 46). Sobre a impossibilidade de a mulher poder amar, Nehring (2012) comentou:

Para ser respeitada como pensadora em nosso mundo, uma mulher deve deixar de amar. Para ser considerada uma intelectual de algum destaque, precisa renunciar totalmente ao amor romântico ou encaixotá-lo em um espaço tão pequeno em sua vida que não desperte atenção alguma. [...] uma mulher é, com muita frequência, forçada a escolher entre a perfeição no coração ou mente (NEHRING, 2012, p.11).

Desta forma, segundo Prost e Vincent (1992) os cônjuges deveriam manter em segredo o seu sentimento de amor.

De acordo com Rüdiger (2012), no final do século XX a sociedade capitalista foi se transformando, de maneira que a mulher foi conquistando sua emancipação à mesma medida

que as relações mercadológicas também se tornaram mais maleáveis. Segundo o autor, a tradição em relação ao matrimônio sofreu um desgaste e por esses motivos “o esvaziamento valorativo das rotinas e convenções passou a promover uma nova espécie de relacionamento entre os seres humanos” (RÜDIGER, 2012, p. 151).

Sobre o amor nesse período, Nehring (2012) esclarece que:

O amor no começo do século XXI foi neutralizado e desacreditado. O feminismo é parcialmente culpado, mas apenas parcialmente. Habitamos um mundo no qual cada aspecto do romance, do encontro ao acasalamento, tem sido atenuado, testado para fins de segurança e destituído de importância espiritual (NEHRING, 2012, p. 14).

Por ocasião da autonomia das mulheres e a equiparação dos papéis desempenhados entre homens e mulheres, a visão em relação ao amor mudou e entrou em conflito com o amor confluyente, que segundo Giddens (1994, p. 72), “O amor confluyente é um amor ativo, contingente” e, por essa razão, entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da “ideia de amor romântico”.

Somente após a Primeira Guerra Mundial, segundo Rüdiger (2012):

A perspectiva de viver um relacionamento erótico e sentimental passou a ser vista de forma mais positiva. Desde então, o romantismo, entretanto, ganha centralidade entre os ideais modernos de felicidade, ao ajustar expectativas utópicas de uma era individualista, por meio da exploração cada vez maior das fantasias hedonistas, pelo capitalismo (RÜDIGER, 2012, p. 150).

Porém Rüdiger (2012) comentou que no início do século XX, o romantismo patriarcal não durou muito, ficando apenas na teoria, segundo o autor, o motivo poderia ser porque o amor surgia do casamento contratado, ou talvez porque o patriarcalismo estava sofrendo a crise como modelo de vida.

O verdadeiro amor só poderia ser o fundado socialmente, lastreado no reconhecimento recíproco da vida própria ou da liberdade de cada um dos amantes. A emancipação econômica e política é pré-condição para tanto, porque o amor não pode ser uma forma de se assumir a dependência à qual se está eventualmente condenado (RÜDIGER, 2012, p. 155).

Portanto, de acordo com o autor, no Capitalismo, o verdadeiro amor só ocorreria com a independência política. Sobre isso, Beauvoir (1949 *apud* Rüdiger, 2012, p.155) esclarece que o avanço da autonomia proporcionaria à mulher o direito de desfrutar de parceiros [...] autônomos e ativos que normalmente seriam parasitas, deste modo não a manteriam aprisionada por motivo de fragilidades e escassez.

2.4 Modernismo

Os relacionamentos do século XXI, principalmente no Ocidente são marcados pela presença do capitalismo e essencialmente pela tecnologia. A individualização também é um dos marcos neste século presente.

Bauman (2004) comenta que a fluência dos relacionamentos na sociedade contemporânea, em que estão presentes a imprecisão e a vulnerabilidade, à medida que os indivíduos anseiam por relações mais íntimas, ao mesmo tempo se desvencilham dos laços de relacionamento que poderiam proporcionar para cada um.

Na verdade, a sociedade do século XXI defronta-se com a desvalorização e a extinção dos relacionamentos, da busca acirrada da quantidade ao invés da qualidade, de maneira que as pessoas valem pelo que aparentam ter ou ser do que pelo que realmente são interiormente e assim os relacionamentos tornam-se supérfluos e passageiros (SCHIMITT; IMBELLONI, 2011, p.3).

Sobre o relacionamento humano na contemporaneidade, Bauman (2003) afirma:

Seus personagens centrais são homens e mulheres, nossos contemporâneos, desesperados por terem sido abandonados aos seus próprios sentidos e sentimentos facilmente descartáveis, ansiando pela segurança do convívio e pela mão amiga com que possam contar num momento de aflição. Desesperados por relacionar-se. E, no entanto, desconfiados da condição de estar ligado, em particular de estar ligado permanentemente, para não dizer eternamente, pois temem que tal condição possa trazer encargos e tensões que eles não se consideram aptos nem dispostos a suportar, e que podem severamente limitar a liberdade de que necessitam [...] (Bauman, 2003, p. 8).

Nesse sentido, Illouz (2008) entende que por ocasião dessa vulnerabilidade os resultados desse quadro em que a modernidade se encontra são somente sentimentos de angústia, amor, rivalidade, indiferença e culpa nos rompimentos dos relacionamentos.

Dessa forma, no século da tecnologia, mesmo se arriscando, as pessoas buscam ansiosamente uma forma de alcançar a felicidade no amor, sendo assim, o relacionamento virtual parece ser o melhor negócio, pelo menos ocupa um espaço vazio e mascara a solidão. Sobre isso, Bauman descreve:

É assim em uma cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para o imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas [...]. A promessa de aprender a arte de amar é a oferta (falsa, enganosa, mas que se deseja ardentemente que seja verdadeira) de construir a “experiência amorosa” à semelhança de outras mercadorias, que fascinam e seduzem exibindo todas essas características e prometem desejo sem ansiedade, esforço sem suor e resultados sem esforço. Sem humildade e coragem, não há amor. Essas duas características são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada. E é a esse território que o amor conduz ao se instalar entre dois ou mais seres humanos (BAUMAN, 2003, p. 21-22).

Esse quadro da realidade do mundo moderno pintado por Bauman, Illouz chama de fantasia e explica que:

Desvinculado de contatos corporais e de um pano de fundo existencial tácito, o amor na internet, germina a partir do “conhecer”. Na imaginação e na sociabilidade que a internet promove, a organização da fantasia e dos afetos da atração amorosa depende de um processo intelectual, apto a tratar e traduzir comportamentos, atributos e sentimentos na forma de dados, sinais e signos emitidos por perfis e trocados em interações textuais e visuais descorporificadas. Nestes sítios de relacionamento, “primeiro as pessoas são apreendidas como um conjunto de atributos, e só depois apreendem – em etapas gradativas – a presença corpórea do outro” (ILLOUZ, 2008, p. 113).

É como fugir da realidade, apesar da necessidade do afeto, o contato virtual ilude o indivíduo e o faz pensar na reciprocidade de sentimentos e desejos, pois:

O afeto não é uma ação em si, mas é a energia interna que nos impele a agir, que confere um “clima” ou uma “coloração” particular a um ato. Por isso, o afeto pode ser definido como o lado da ação que é “carregado de energia”, no qual se entende que essa energia implica, simultaneamente, cognição, afeto, avaliação, motivação e o corpo (ILLOUZ, 2008, p. 7).

Nessa busca, o prazer e a satisfação é o que tem valor. A cultura modernista se preocupa com a imagem e a representação do perfeito, o que passa disto se torna descartável.

Bauman (2003) comenta que os indivíduos distorcem os sentimentos e dificultam os relacionamentos, no século da modernidade tudo é descartável, assim como as pessoas, tudo tem seu tempo de durabilidade já predefinido, mas o amor que deveria ser um sentimento sem prazo de validade na atualidade se tornou líquido algo que se pode deixar de existir como água a escorrer entre as mãos. O que se deseja no momento é: eu quero, eu tenho. Se não desejo mais, o valor se esvai.

“Desde a entrada da nossa sociedade na era do consumo de massa, predominam os valores individualistas do prazer e da felicidade, da satisfação íntima, não mais a entrega da pessoa a uma causa, a uma virtude austera, a renúncia de si mesmo” (LIPOVETSKY, 2004, p. 23).

Portanto, de acordo com Schmitt e Imbelloni (2011) o amor na sociedade contemporânea está sendo delimitado pela internet, pelo individualismo e pela cultura da imagem. É possível desconectar e conectar a qualquer momento, e da mesma maneira acontece com os relacionamentos, de modo que as escolhas podem ser vinculadas e desvinculadas, igualmente como se pratica na internet.

3 AUTOR E OBRA

O poeta da aviação Antoine de Saint-Exupéry nasceu em 29 de junho de 1900 na Rua Alphonse-Fochier n.º 8, próxima a grande Praça da Place de Bellecour na França e que na época se chamava Rue Dr. Peyrat.

Sobre essa Praça, Webster (2014) narra que:

A partir desta praça-forte, os senhores da Idade Média tinham outrora controlado o acesso ao curso do Ain, o mais pitoresco dos rios deste recanto do Sul de França. Impuseram em seu redor a ordem e códigos cerimoniais e religiosos que se desmoronaram muito antes de as muralhas começarem a ficar em ruínas. (WEBSTER, 2014, p. 18).

Webster relata que a imagem desse universo imponente que lembrava cavaleiros e armas permanecia na memória de Antoine por toda sua vida a ponto de lhe influenciar a escrever o último livro, *Cidadela*, publicado após a sua morte.

Antoine Saint-Exupéry, quando criança compartilhava o seu quarto com seu irmão mais novo François, em Saint-Maurice-de-Rémens na França; seu quarto ficava virado ao leste em frente ao imenso jardim do castelo e Antoine podia olhar de sua janela e vislumbrar os cumes dos montes de Bugey repletos de árvores que surgiam do declive da cordilheira do Jura. Esta paisagem, praticamente de frente ao castelo, proporcionava a Antoine o privilégio de admirar a magnífica Torre de Saint-Denis, que fora edificada como torre de vigia à entrada do estreito vale, assim como do antigo caminho romano que ia de Lyon a Genebra.

Ainda próximo ao castelo, mas distante do seu olhar e não menos surpreendente, encontrava-se Les Allymes, uma grande fortaleza quadrangular, de contorno amarelado que era perceptível em meio à floresta.

A toda essa exuberante paisagem, Saint-Exupéry chamou o jardim do castelo “o país da minha infância”. Ainda de acordo com Webster (2014), Antoine, no dia do seu batismo na capela familiar, com seis anos de idade adentrou pela primeira vez pelo largo portão de ferro na extensa alameda adornada por quatro fileiras de tílias³. Sobre o nome escolhido para ele, Webster descreve que:

Em 15 de agosto de 1900, no Dia da Assunção, o padre da paróquia, François Montessuy, dá ao recém-nascido os cinco nomes Antoine Jean-Baptiste Marie Roger Pierre. O certificado de nascimento foi assinado por vários amigos e parentes, entre eles o seu tio e padrinho Roger de Saint-Exupéry, então capitão de infantaria (WEBSTER, 2014, p. 18).

¹ Tília é um gênero botânico pertencente à família Malvaceae. (<https://www.beneficiosdasplantas.com.br/tilia/>).

A primeira pessoa que assinou foi seu pai, Jean, Visconde de Saint-Exupéry, biológico que faleceu poucos anos depois, em 1904, vítima de uma AVC fulminante na sala de espera da estação de trens de Lyon, deixando viúva a condessa Fascolombe Marie com cinco crianças menores de oito anos. Mais tarde Antoine Saint-Exupéry estaria dando o título a um dos seus livros “as cinco crianças num jardim”, uma das mais fidedignas fontes de dados sobre a infância de Antoine encontrados em um diário sua irmã Simone.

Segundo Freire (2016):

O pequeno “Tonio” como era carinhosamente chamado pela família, praticamente não conheceu o pai, no entanto, em Cidadela, a figura paterna está presente em todos os capítulos, como o Mentor, Orientador, o exemplo, o homem que sabe as verdades da vida, que valoriza o Dever, a Honra, a Devoção (FREIRE, 2016, p.10).

Quando o pai de Antoine faleceu, sua mãe Marie, muito religiosa, transmitia a seus cinco filhos suas convicções religiosas católicas, o que teve grande influência na vida do garoto, mas sua escolha em abandonar a religião e seguir uma carreira tão perigosa fazia Marie sofrer, porém a afeição entre ambos nunca diminuía.

No dia 7 de outubro de 1909 Antoine de Saint-Exupéry iniciou suas atividades escolares no colégio de Notre-Dame-de-Sainte-Croix, que segundo Webster (2014), na época situava-se à rua chamada rue des Vignes, hoje chamada rue Antoine de Saint-Exupéry, uma viela localizada no centro de Le Mans. A escola mudou-se de endereço duas vezes e em junho de 1915 Antoine deixou definitivamente a escola. Sua construção em estilo gótico original, em 1911 foi confiscada pelo Estado sendo convertida em caserna. A educação que Antoine recebia no colégio era bastante formal, que Webster referia ser “tão cruel como prematura, à condição de adulto (2014, p. 45). Ainda sobre esse assunto, Webster relata que:

As brincadeiras no pátio eram fortemente vigiadas, e a menor falta era reprimida de imediato pelos padres. Os alunos eram obrigados, por exemplo, a fazer uma corrida de cinco ou seis voltas em torno do grande campo de jogos, ou a ficar de castigo junto a uma árvore durante todo o recreio. As faltas mais graves eram passíveis de açoites com o chicote (2014, p. 47).

Os passeios de verão de Antoine nas excursões do colégio que acontecia em grupo eram sempre restringidos a peregrinações religiosas. Os estudantes eram carregados em um carro puxado por cavalos. A rigidez com que eram tratados o afligia, de maneira que mais tarde relembra as cartas que enviara à sua mãe evocando o sofrimento de sua ausência. Antoine relatava:

Lembro-me de quando a mãe ia ao colégio e pedia ao padre- -perfeito que acabasse com as Colles. Eu costumava regressar a casa com a minha grande mochila às costas, soluçando por ter sido punido — era Le Mans, lembra-se? —, e só os seus beijos e abraços me faziam esquecer tudo (WEBSTER 2014, P. 47).

Porém a rígida disciplina enfrentada no colégio de padres-perfeitos e vigilantes do colégio não causou nenhuma animosidade, pelo contrário resultou o ingresso de muitos estudantes nas grandes escolas francesas, como a Politechnique e a Centrale, que os tornaram engenheiros civis e militares e outros escolheram o sacerdócio tornando-se bispo de Le Mans. Já Antoine desejara ser um oficial da marinha, porém por ter sido reprovado no exame de admissão, escolheu a carreira de aviador.

As cartas que Antoine remetia frequentemente à sua mãe, irmãs e para o seu cunhado, de acordo com Fay (2012) tornaram possível conhecer os detalhes da vida e das viagens de Saint Exupéry, Webster (2014) descreve que:

As cartas publicadas que Antoine escreveu à mãe testemunham claramente a sua sede constante de afeição e encorajamento até ao dia da sua morte, particularmente por causa das recordações de férias em Saint-Maurice e das visitas ao castelo de La Môle, nas colinas perfumadas por trás de Saint-Tropez, onde Marie passara a infância. A última mensagem de Antoine, redigida alguns dias antes de morrer, e que ela recebeu um ano mais tarde, terminava com uma súplica: «Maman, embrassez-moi comme je vous embrasse du fond de mon coeur» («Mamã, beije-me como eu a beijo do fundo do coração») (WEBSTER (2014, p. 30).

Esses registros deixados por Antoine possibilitaram conhecer o tipo de relacionamento que mantinha com sua mãe, mas também suas obras literárias e matérias que escrevia para revistas deixaram registros das suas “aventuras, alegrias, esperanças, dificuldades físicas como as areias do deserto, e emocionais, como a solidão no isolamento de uma cabine de avião” (FAY, 2012, p. 2012).

Ainda sobre sua infância, Webster relata que o jardim do castelo era o espaço reservado para as crianças brincarem e Antoine aproveitava esse lugar para seus primeiros experimentos como mecânico quando utilizou uma bomba de irrigação de hortaliças com motor para tentar construir um avião. Essas experiências de criança seriam mais tarde fonte de inspiração para os seus contos.

Este lugar também era um lugar favorável para Antoine se lançar às aventuras de herói que se inspirava através dos livros de histórias, as quais, em suas narrativas, Saint-Exupéry correlacionava com suas experiências de vôos. No livro *Piloto de Guerra*, segundo Webster (2014, p. 21) “compara a sensação de se desviar do fogo das antiaéreas alemãs a um dos seus primeiros jogos, que consistia em esquivarem-se às gotas da chuva das trovoadas de verão; quem o conseguisse, era distinguido com o título de Cavaleiro Aklin até a próxima chuvada”.

O livro *Piloto de Guerra* relata suas experiências, frustrações e derrotas, mesmo sendo um livro que descreve sobre sua vida de piloto; não se pode deixar de compreender que trata-se de uma literatura em que o narrador-piloto traz para seus leitores acontecimentos da

sua vida, desde a sua fase de criança com histórias provenientes da sua infância até os acontecimentos marcantes de sua trajetória como piloto de guerra.

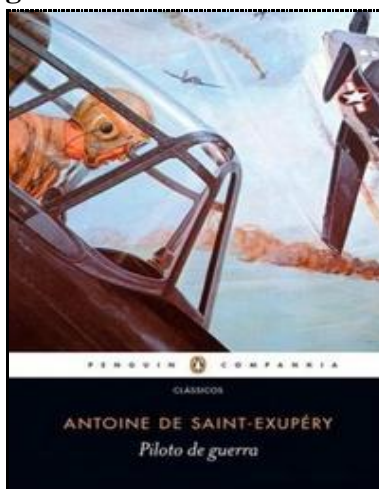
Antoine Saint-Exupéry expressou em seu livro *Piloto de Guerra* os seus sentimentos diante de tudo que vivenciou na Segunda Guerra Mundial deixando explícito através do seu personagem ao escrever essas palavras: “vivi outrora aventuras: a criação das linhas postais, a discordância saariana, a América do Sul [...], mas a guerra não é uma verdadeira aventura, é só uma imitação de aventura. [...] A guerra é uma doença” (2015, p. 10).

Ainda sobre a sua luta na guerra em seu livro Exupéry descreveu: “Nós fomos todos vencidos. Eu fui vencido” (p.11), expressando sua frustração. No livro *Piloto de Guerra*, Antoine relata em forma de romance suas necessidades vivenciadas na infância, o que lhe custava caro, denominava de território. Mônica Correia descreve as palavras de Exupéry explicando que quando se refere a bens materiais, estava se referindo ao que pode dar sentido a um povo, dizia ele:

Morre-se por uma casa. Não por objetos ou paredes. Morre-se por uma catedral. Não por pedras. Morre-se por um povo. Não por uma multidão. Morre-se pelo amor do Homem. Se ele for o ponto de sustentação do conjunto de uma Comunidade. Morre-se unicamente por aquilo por que se pode viver (CORREIA, 2015, p. 4).

Suas palavras demonstravam que Exupéry era desapegado de coisas que não lhe dava sentido, mas lutava pelos sonhos, a aviação era seu sonho de infância. Segundo o relato de Frazão (2017), Antoine Exupéry entrou para o serviço militar em 1921 pelo Regimento de Aviação de Estrasburgo, logo após ter sido desaprovado para a Escola Naval. Foi piloto civil e subtenente da reserva. Em 1926 foi contratado pela Aéropostale, iniciando sua carreira de piloto de linha, sobrevoando entre Toulouse, Casablanca e Dacar.

Figura 4 – Livro *Piloto de Guerra*



Fonte: <https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13830.pdf>

Frazão (2017) ainda comenta que Exupéry, além de ser conhecido como “O poeta da aviação” também foi intitulado como “o cavaleiro do céu” por fazer parte da aviação. Em uma época em que os recursos estruturais na aviação eram iniciais, ele desafiava as montanhas, os perigos do deserto com sua ousadia. Era reconhecido assim por ter feito da sua profissão de piloto aéreo a base para se tornar um escritor; como piloto militar e civil trabalhou na empresa de correio aéreo Latécoère em Toulouse (França) em 1926.

Em 1927, em Cabo Juby (Tarfa, Marrocos) foi empossado chefe do aeródromo, já entre 1929 a 1931 em Buenos Aires atuou como diretor da Aéropostale Argentina.

Antoine Saint-Exupéry passou por várias situações arriscadas como piloto em Orly (Paris) onde quase que uma explosão o levou a morte. Em 1935 na rota Paris-Saigon quando com seu mecânico caiu no deserto da Líbia.

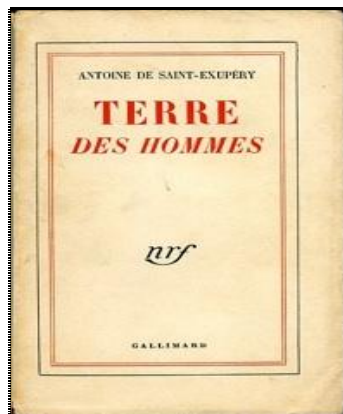
Exupéry participou de uma incumbência de aproximadamente dois anos no deserto de Marrocos quando trabalhava para a Aéropostale nos anos de 1927 a 1929 e depois disso, passou mais dois anos em Buenos Aires, passando depois pelo Brasil. Essas experiências renderam algumas obras, entre elas o *Correio Sul* (1929), *Vôo noturno* (1931), *Terra dos Homens* (1939), *Piloto de guerra* (1942), *Carta a um refém* (1943) e *O pequeno príncipe* (1943) livro que lhe trouxe mais reconhecimento como escritor. Assim como a aviação, a literatura também era a inspiração de Exupéry, dois assuntos que ele tinha autoridade em falar quando afirmou que sentia aversão da literatura apenas pela literatura pelo fato de haver escrito o que havia vivenciado de forma ardente, dizia ele que escrevia acontecimentos verdadeiros. Exupéry asseverou tornou-se escritor por causa de sua profissão.

Por vender 250 mil exemplares, o livro *Terra dos homens* proporcionou ao escritor Exupéry a honra de ser homenageado em Nova York o prêmio o National Book Award. No ano de 1940, de volta à vida civil atendeu ao convite dos seus editores dos Estados Unidos para receber o referido prêmio, porém Exupéry só aceitou o convite porque desejava aproveitar a sua fama artística para persuadir o governo a adentrar na guerra e defender o seu país.

O livro *Terra dos homens*, como todos os outros tem uma narrativa mesclada por sentimentos da sua infância e experiências vivenciadas ao longo de sua vida, pois denota sua tristeza de não poder voltar aos tempos de infância “e as aventuras românticas dos dias de verão passados em Saint-Maurice-de-Rémens, perto de Lyon, não muito longe do campo de aviação onde recebeu aos 12 anos o batismo aéreo” (WEBSTER, 2014, p. 13). Voltando ao castelo que passara toda a infância já havia sido vendido quando Antoine tinha 32 anos de idade. Webster relata que essa tristeza foi evocada neste livro “quando escreveu à sua mãe:

‘Não estou muito certo de ter vivido depois da minha infância’, algum tempo depois de ter descoberto a aparente recompensa que sentia ao pilotar (2014, p. 14).

Figura 5 – Livro Terra dos Homens

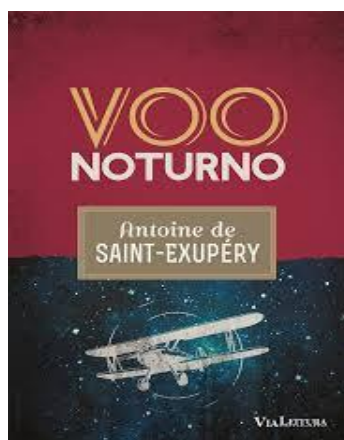


Fonte: http://www.alexandrebrito.net.br/verbetes/Entradas/2012/2/9_Antoine_Saint-Exupéry.

Os livros *Vôo noturno* e *Terra dos homens* trouxeram para Exupéry a crítica de alguns e elogios de outros, assim tornou-se um escritor ilustre e suas obras conhecidas em outras línguas.

O livro *vôo noturno* foi escrito quando voava sobre os Andes em 1931, que logo se tornara um sucesso de vendas, dando à Antoine o prêmio *Femina* na França, sendo depois ajustado para o cinema. Segundo Fay (2012) nesta mesma época, Exupéry se casou com Consuelo Gómez Castillo, uma senhora viúva. O casamento, de acordo com relatos de Fay (2012, p. 105) “apesar das rupturas, ausências, ciúmes e infidelidades, durou por toda sua vida”.

Figura 6 – Livro Vôo Noturno



Fonte: <http://www.edipro.com.br/produto/voo-noturno/>

Este conto narra sobre um piloto em uma cabine de comando denominado Fabien, um radiotelegrafista e uma tripulação sobrevoando as colinas da Patagônia. Os personagens

do conto enfrentam uma tempestade da Patagônia até as Cordilheiras do Andes como narra o autor em seu livro:

Entretanto, o correio da Patagônia abeirava-se da tempestade e Fabien renunciava a contorná-la. Considerava-a demasiado extensa, pois os relâmpagos estendiam-se numa linha que corria para o interior do país e revelava fortalezas de nuvens. Tentaria passar por baixo e, se as coisas corressem mal, resolveria voltar para trás. Verificou a altitude: mil e setecentos metros. Apoiou, com força, as palmas das mãos nas alavancas de comando para começar a reduzir a altitude. O motor vibrou fortemente e o avião estremeceu. Fabien corrigiu, com a vista, o ângulo de descida e em seguida verificou no mapa a altura das colinas: quinhentos metros. Para conservar uma margem, navegaria a cerca de setecentos. Sacrificava assim a altitude como quem arrisca uma fortuna (URANGA et al. , 2015, p. 8).

A narrativa, como sempre era descrita por Antoine como se fosse sua própria história, retirada de suas experiências como piloto. Nos diálogos apresentados no conto estavam presentes sentimentos, indagações sobre a essência humana e valores como o amor, amizade e solidariedade. Antoine Saint-Exupéry era um homem sensível aos sentimentos que valorizavam as outras pessoas; seus livros eram geralmente carregados de palavras sentimentalistas nos diálogos.

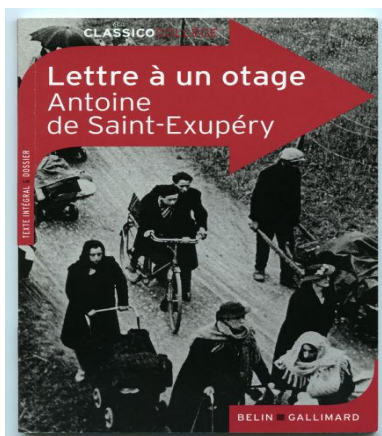
O piloto/escritor viajou por diversos países indo à Rússia e Espanha escrever artigos jornalísticos e com isso novas situações e costumes foram observados e analisados por ele, graças as suas duas profissões que lhe permitiu conhecer o mundo.

De acordo com a AMAB - Associação Memória da Aéropostale no Brasil (2017), o livro Carta a um refém foi escrito por Antoine Saint Exupéry sob formato de carta quando esteve exilado nos Estados Unidos no ano de 1942 e publicado no ano de 1943. Nesta carta, ele homenageia a França, país em que seu amigo estava exilado por estar sendo perseguido por seu país. A princípio o livro recebeu o título de Carta a um amigo, depois Carta a Léon Werth e depois Carta a um refém. É um texto poético que trata da amizade de Antoine com Léon Werth, da suas experiências em viagens (viagem a Portugal, evocação do Saara, estada nos EUA...) da sua terra natal, faz homenagem aos exilados e à França que sofria com o regime hitlerista.

Na dedicatória do livro, Antoine Saint-Exupéry escreve:

Peço perdão às crianças por dedicar esse livro a uma pessoa adulta. Tenho um sério motivo: essa pessoa é o melhor amigo que tenho no mundo. E há outro motivo: essa pessoa adulta é capaz de compreender qualquer coisa, até livros para crianças. E um terceiro motivo: essa pessoa vive na França, onde passa fome e frio. Precisa de carinho. Se todos esses motivos não forem suficientes, quero dedicar este livro à criança que ele foi. Todas as pessoas adultas foram crianças um dia (mas poucas se lembram disso). Corrijo minha dedicatória: A Léon Werth quando criança. (SAINT-EXUPÉRY, 2013, p. 82).

Figura 7 – Livro Cartas a um refém



Fonte: <https://amab-zeperry.com/saint-exupery/obra/>

A obra seria como uma forma de consolar o povo francês pela tristeza que enfrentavam pelo regime opressor e em especial o seu amigo Léon Werth; essa é mais uma demonstração do sentimento nobre que Antoine Saint Exupéry carregava dentro de si, sentimentos esses que aprendeu desde a infância com sua família e em seu país que amava tanto, a França. Sobre o país que acolheu Antoine Exupéry durante toda sua infância e que foi berço de suas mais puras alegrias, Meireles e Moraes (2016) descrevem:

Vale lembrar que a França, antes da Segunda Guerra Mundial, era tida como a capital da alegria, das luzes do saber, da efervescência cultural e da superioridade intelectual. Seu poderio econômico e militar angariou colônias imperialistas na África e a difusão do estilo francês de diversão e de viver (o *savoir-vivre*). Do início do século XX até 1939 (início da Segunda Guerra Mundial), a França saboreava a elegância e o refinamento da cultura efervescente de Paris em sua Belle Époque, com poetas como Apollinaire, a construção do romance moderno com Marcel Proust, as lutas pela emancipação feminina pós Primeira Guerra Mundial com referência nas artes, no modo de se vestir das garçonnes (as melindrosas), a loucura dos anos 20 - ou anos loucos. Todos esses eventos e momentos tornaram a França um símbolo da felicidade e luta humana pelo prazer e bem-estar social (MEIRELLES; MORAES, 2016, p. 110).

Porém esse período era apenas uma lembrança; a França agora humilhava-se diante dos nazistas que a invadia, dividindo-a e abatendo-a, sem que usassem nenhuma força bélica. Foi nesse cenário de tristeza que fez Antoine escrever essa carta ao seu amigo e à própria França.

Em sua profissão, ao mesmo tempo em que produzia seu livro *Piloto de Guerra* iniciou a elaboração do livro que iria lhe trazer reconhecimento mundialmente e seria o livro que mais aderiu leitores entre os livros de sua autoria: *O pequeno príncipe*, reconhecido por muitas pessoas como conto ou fábula, mas na verdade trata-se de um romance, uma produção literária que influenciou e sensibiliza até hoje o mundo, desenhado pelo próprio autor suas ilustrações despertando em muitas pessoas que o lêem imaginações diversas, é categorizado

como Infanto-Juvenil, mas que ultrapassa idades por trazer em seu conteúdo ensinamentos de vida.

Assim como *Piloto de guerra* o *Pequeno Príncipe* é mais uma obra que o autor deixa claro traços de sua vivência agora contada por uma criança para soar de forma mais leve e sutil as responsabilidades incutidas nos humanos, de linguagem acessível e com muitas ilustrações. O livro foi traduzido em mais de oitenta línguas e publicado mais de oito milhões de exemplares, oferece lições profundas de cunho moral e intelectual baseados em suas experiências de vida.

Figura 8 – Livro O Pequeno Príncipe



Fonte: <http://lelivros.love/book/download-o-pequeno-principe>

Para ratificar esse fato, verdade é que quando relata no livro o pequeno príncipe assim como no personagem de piloto de guerra que sofre uma queda de seu avião, estava retratando o que muitas vezes aconteceu com o próprio Saint-Exupéry em suas missões como piloto, de maneira que até o cenário é o mesmo: “o deserto”. O deserto do Saara retratado no livro *O Pequeno Príncipe* também lembrava a solidão que sofria sempre longe de sua família, a saudade de sua mãe e de pessoas que amava.

Exupéry tinha amor por sua profissão de piloto assim como o pequeno príncipe o expressava pelo seu planeta, os dois faziam o que fosse possível para melhorar a situação encontrada. Essa realidade é revelada na carta que o piloto-escritor escreveu para o seu general afirmando que para edificar o amor, deveria sempre iniciar pelo sacrifício.

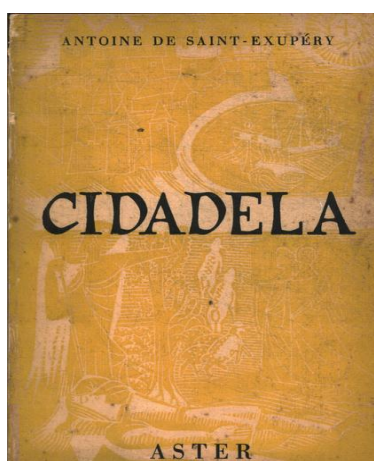
A rosa revelava o amor que tinha por alguém que era exclusivo em seu coração, humano ou divino, entre tantas flores aparentemente iguais, aquela era única. A mesma veracidade é deparada no encontro do pequeno príncipe com a serpente quando relacionado ao engajamento de Exupéry no serviço da guerra, ambas as situações expressam o perigo de

mortes, mas a serpente também retratava a morte, talvez por tantos perigos que passou Exupéry jamais imaginava que estava tão perto dele.

O livro *Cidadela* foi rascunhado por Exupéry que gostava de escrever sempre à noite. Antes de dormir, ele ditava a um gravador e no dia seguinte, transcrevia corrigindo os erros, porém, de acordo com Freire (2016) Exupéry partiu antes de corrigir totalmente os rascunhos, de maneira que neste ano os editores tinham apenas um texto datilografado, incompleto e sem todas as correções.

Em 1948 saiu a primeira edição, mas somente em 1958 os textos foram totalmente recuperados com grande dificuldade porque Antoine mudava bastante o texto rascunhado quando ia transcrevê-los. A montagem dos textos foi feita por Simone Lamblin, Pierre Chevrier e León Wencelius, portanto, a definitiva primeira edição foi traduzida integralmente em 1959.

Figura 9 – Livro Cidadela



Fonte: <https://www.traca.com.br/livro/979669/cidadela/#>

Segundo Freire (2016), Pierre Chevrier, um dos responsáveis pela edição do livro *Cidadela* na verdade não existia, porque seu nome verdadeiro era Nelly de Vogüé que fora amante de Antoine por 15 anos e conhecia tudo sobre Exupéry, por isso, sua participação para a edição do livro foi imprescindível. Segundo Freire (2016):

Saint-Exupéry submetia a ela todos os seus escritos, rascunhos, lhe pedia opiniões, fazia alterações com base em suas sugestões. Portanto, se formos escolher a edição que mais provavelmente seria feita pelo próprio autor, ninguém melhor do que o amor de sua vida para sabê-lo (FREIRE, 2016, p. 2).

Desta forma, somente Nelly de Vogüé possuía a habilidade comparar o rascunho com a gravação e desvendar todo o emaranhado.

Na verdade, Antoine Saint-Exupéry iniciou a narrativa de *Cidadela* em 1936 e quando sofreu o acidente no voo sobre o Canal da Mancha não havia concluído ainda o livro.

Enquanto voava sempre anotava em um caderno de notas suas experiências, novas ideias e até filosofias. De forma singular, o livro *Cidadela* foi escrito sobre sentimentos essenciais à vida, de maneira filosófica, Exupéry tratou de amor, respeito ao próximo e à necessidade da busca do mais sublime que cada um possui dentro de si. Ele afirmara em seu livro “só vale alguma coisa a vida que é trocada por algo superior a si”, revelando o quanto estava voltado para sentimentos nobres em favor de outrem.

De acordo com Freire (2016) toda a história do livro acontece no deserto do Saara que Antoine conta de uma Cidadela rodeada por areia habitada por árabes governados por um homem que possuía grandes ideais e aconselhava o povo de acordo com o que aprendia com as maravilhas naturais que o cercavam, como o próprio povo, a areia, o oásis e até os inimigos. Era uma espécie de poema sem rimas, porém considerado um dos mais belos na época, também acatado com um livro de filosofia.

A história que Antoine narra no livro *Cidadela* revelava um piloto que sempre conseguia vencer os mais árduos obstáculos como em todos os seus vôos, mesmo sofrendo vários acidentes, Antoine Saint Exupéry sempre conseguia escapar com vida. Porém em 1943, como explica Freire (2016), voltando para a Sardenha e para o Marrocos Francês, Antoine Exupéry já com mais de 40 anos se empenhou para conseguir uma autorização especial do General Eisenhower, Comandante em Chefe das Tropas Aliadas, a fim de desempenhar missões de guerra, porém o aviador já não se sentia tão bem como antes, às vezes enquanto voava era tomado por febre extremamente alta e não permitia que os Oficiais percebessem. Sentia muita dificuldade em levantar o braço esquerdo para vestir a roupa de vôo; colocar a máscara de oxigênio, o colete salva-vidas, de maneira que precisava de ajuda para tais atitudes, inclusive para trancar o vidro da cabine, talvez por sequelas dos diversos acidentes que havia sofrido, parecia que já eram prenúncios do fim de uma vida de vôos.

Segundo Meireles e Moraes (2016), nesta época, muitos acontecimentos políticos vinham acontecendo:

Em 1943, a Itália vivia uma crise profunda, devido ao seu contexto externo e interno: o caos político, social e econômico. Assim, numa tentativa de retomar as rédeas do país, no dia 25 de julho de 1943, o rei Vittorio Emanuele II destituiu Mussolini e manda prendê-lo e a França praticava a deportação de cidadãos franceses judeus para campos de extermínio na Alemanha (MEIRELES; MORAES, 2016, p.110-111).

No dia 31 de julho de 1944 era um lindo dia de sol, tudo parecia normal, mas, como narra Webster (2014) neste dia o exército aliado preparava-se para atravessar o Mar Mediterrâneo e libertar a cidade de Provença, na França da invasão alemã. O céu azul era propício ao ataque inimigo. Antoine Saint Exupéry que estava em missão de guerra, como

fora vítima de tantos acidentes e mais de 20 anos de experiência como piloto jamais poderia temer qualquer emboscada, portanto deveria usufruir da habilidade de velocidade e elevada altitude do seu *P-38 Lightning*⁴, mas não foi o que Antoine fez, pelo contrário, desviou o seu plano de vôo para uma altitude de 6 mil metros para uma observação de vôo sobre a cidade que amava e isso lhe custou a vida. Webster (2014) descreve:

Alguns minutos após o meio-dia, a silhueta característica do *Lightning* com a sua asa dupla surgiu rugindo a baixa altitude a oeste de Nice virou na direção do Mediterrâneo e desapareceu entre Nice e Toulon. No vestígio do *Lightning*, os caças alemães abdicaram de um mergulho no mar e regressaram à base para relatarem o sucedido (WEBSTER, 2014, p. 10-11).

O piloto de guerra caíra em uma emboscada e havia chegado ao fim, tinha apenas 44 anos quando caiu no mar, sendo esta a sua última missão de vôo, o que mais amava fazer.

Durante muito tempo sua aeronave foi procurada, mas de acordo com o Jornal Folha de São Paulo (2004) após mais de 60 anos:

Os destroços do avião do escritor e piloto francês Antoine de Saint-Exupéry, autor do livro "O Pequeno Príncipe", foram descobertos no litoral de Marselha, quase 60 anos após seu desaparecimento, em 31 de julho de 1944, revelado hoje pela fonte do Departamento de Pesquisas Arqueológicas Subaquáticas e Submarinas (DRASSM). Um pedaço do P-38, encontrado ao leste da ilha de Riou (no setor onde um pescador achou em 1998 uma pulseira com seu nome), foi identificado como pertencente ao aparelho do escritor, de acordo com o DRASSM, que fica em Marselha e é subordinado ao Ministério da Cultura (2004, p.1).

De acordo com Associação Memória da Aéropostale no Brasil - AMAB (2017), as fotos de Antoine Saint Exupéry e familiares pertencem igualmente ao acervo da Succession Saint Exupéry na França com representação em Florianópolis.

Figura 10 – Antoine Saint-Exupéry



Fonte: <https://amab-zeperry.com/saint-exupery/perfil/>

⁴ Um dos melhores e também mais inconfundíveis aviões da Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <http://segundaguerra.net/p38-lightning-um-dos-melhores-avioes-da-segunda-guerra-mundial/>.

Antoine Saint-Exupéry (1900-1944) vive até hoje através dos seus contos tão carregados de inspiração e amor ao belo, às pessoas e à vida. Entre os seus livros, *O Pequeno Príncipe* é o mais retrata esses sentimentos.

4 ANÁLISE DA OBRA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM

A obra *O Pequeno Príncipe* é um verdadeiro clássico da literatura infanto-juvenil que é apresentada em linguagem acessível e agradável. Publicado em vários países, sua leitura abrange adultos e crianças por possuir uma natureza poética e ao mesmo tempo filosófica. O livro apresenta outros personagens que interagem com o príncipezinho quando seu avião entra em pane em um planeta distante da terra no deserto do Saara; situações e acontecimentos fizeram com que sentimentos e conhecimentos fossem compartilhados entre os mesmos, gerando verdadeiros aprendizados.

Nesta viagem, em certo momento o príncipezinho afirma: “os homens do teu planeta cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 40). Esta procura neste capítulo será comparada ao sentimento de individualismo social que faz com que crianças isolem-se em seus pequenos mundos, sentindo-se impedidos de expor suas dúvidas e dificuldades na aprendizagem, porém quando compartilhados esses sentimentos, logo se sentirão livres, socializados e afetivamente satisfeitos. O envolvimento social poderá favorecer o estudante no compartilhamento dos obstáculos à sua aprendizagem e consequentemente em seu desenvolvimento cognitivo e afetivo.

Sobre esse assunto, Bee (1986, p. 37) ressalta que: “as transformações da ação provenientes do início da socialização não têm importância apenas para a inteligência e para o pensamento, mas repercutem também profundamente na vida afetiva”.

Os conflitos internos podem surgir desde os primeiros anos de vida dos seres humanos e podem acompanhá-los durante toda a sua existência de maneira que estarão presentes na construção da sua personalidade, como o personagem *O Pequeno Príncipe* que é o objeto de estudo deste estudo.

4.1 A obra *O Pequeno Príncipe* e sua aplicabilidade no ensino/aprendizagem

O primeiro planeta que o príncipezinho encontrou conheceu um rei que era bastante majestoso, mas que seu único súdito era o pequeno príncipe que acabara de chegar; a sua exclusiva tarefa era ordenar, apenas para garantir a obediência ao seu trono. O príncipezinho demonstrando respeito, humildade e gentileza, mesmo sem querer permanecer naquele planeta, pois já não lhe era mais agradável, para o rei não se sentir ofendido o príncipe solicita ao rei que faça o que mais gosta de fazer, ou seja, ordenar. Disse ele ao rei:

- Se Vossa Majestade deseja ser prontamente obedecido, poderá dar-me uma ordem razoável. Poderia ordenar-me, por exemplo, que partisse em menos de um minuto. Parece-me que as condições são favoráveis... [...] (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 39).

A humildade e a obediência são traços de uma personalidade formada através de uma aprendizagem voltada à ética, à moral e ao respeito mútuo que devem ser adquiridas no âmbito familiar e reforçadas pelo educador por meio das práticas educativas e disciplinares alicerçadas na afetividade e no amor à criança. Sobre a ética, Boto (2001) comenta que:

A educação ética supõe certo disciplinar das vontades, um controle continuado dos instintos e da expressão de determinações externas. A ética é firmada no discernimento necessário entre o possível e o sonhado, na busca escrupulosa de construção de uma vida equilibrada, valorosa e justa, que resiste e recusa o voluntarismo das paixões. (BOTO, 2001, p. 12).

No segundo planeta morava um homem vaidoso que desejava ser sempre admirado, o príncipezinho, apesar de não compreender muito aquele tipo de necessidade, para fazê-lo feliz, satisfaz à sua ostentação, mas indagou:

“- Que quer dizer admirar? - Admirar significa reconhecer que eu sou o homem mais belo, mais rico, mais inteligente e mais bem vestido de todo o planeta” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 29).

Porém, mesmo com a sua futilidade exacerbada, o vaidoso contribui com a evolução da aprendizagem do príncipezinho, pois a palavra “admirar” não fazia parte do vocabulário do príncipe, porém aquele tipo de sentimento do vaidoso o fazia contemplar somente a si, era um sentimento egoísta e autocentrado.

Como o aprendizado contribui para o desenvolvimento físico e emocional da criança e é algo que perdura por toda a sua vida, o educador deve estar sempre preparado a proporcionar aos seus alunos um aprendizado de qualidade pautado em uma autoestima, mas com equilíbrio e respeito ao próximo.

Quando o príncipezinho encontra-se com o homem de negócios aprende que adultos só se interessam por números, valores possíveis de materializar e dar valor. A rosa por sua vez o possibilitou pensar em situações que lhe ensinaria a conhecer sentimentos mais duradouros, os quais ele passara a sentir. Nesse sentido, o amor e a afetividade são tratados no livro *O Pequeno Príncipe* como sentimentos essenciais ao ser humano, muito mais do que bens tangíveis.

O aprendizado por meio da literatura é uma forma de transmitir valores que poderão influenciar o estudante a cultivar sentimentos de auto-estima, desenvoltura e fortalecimento emocional. Sobre isso, Saraiva (2001) respalda:

Por desenvolver as áreas afetivas e intelectuais, a leitura de textos literários, na fase da alfabetização, oferece às crianças a oportunidade de se apoderarem da linguagem, uma vez que a expressão do imaginário as liberta das angústias próprias do crescimento e lhes proporciona meios para compreender o real e atuar criativa e criticamente sobre ele. Consequentemente, os textos literários transcendem o estatuto de meio ou de instrumento hábil a facilitar o processo de alfabetização para se firmarem como elemento essencial, capaz de harmonizar a reação sujeito-mundo, oferecendo aquela outra via de reflexão (SARAIVA, 2001, p. 83).

Nesse sentido, o isolamento e a dificuldade de aprendizado do aluno podem parecer uma anormalidade, porém o educador, além de detectar a possível causa o mais rápido, é relevante que se busque meios estratégicos para solucionar o problema. A leitura de textos literários é uma maneira capaz de ultrapassar este tipo de barreira, pois quando a criança tem contato com a literatura, ela pode viajar no imaginário e se colocar como parte da história, de maneira que Lajolo (2000) afirma que:

A literatura tanto gera comportamentos, sentimentos e atitudes, quanto, prevendo-os, dirige-os, reforça-os, matiza-os, atenua-os; pode revertê-los, alterá-los. É, pois, por atuar na construção, difusão e alteração de sensibilidades, de representações e do imaginário coletivo, que a literatura torna-se um fator importante na imagem que socialmente circula, por exemplo, de criança e de jovem (LAJOLO, 2000, p. 26-27).

No encontro com o vaidoso e o bêbado, o pequeno príncipe esboçou que “as pessoas grandes são de fato muito estranhas” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 29), pois o vaidoso lhe ensinou que existem sujeitos que se sentem melhores que os outros, e o bêbado mesmo tendo vergonha da vida que levava não era capaz de mudar suas atitudes, preferindo viver a inalterabilidade.

É presumível que o educador encontre diferenças de aprendizado em sala de aula, o que é bastante possível mudar, mas detectar as causas de egocentrismo e isolamento é mais que necessário para que se busquem alternativas de melhoramentos. A falta de amor e afetividade poderá impulsionar crianças a esses sentimentos como forma de proteção, que é efetivamente demonstrado nas relações sociais e comportamentais, inclusive na dificuldade do aprendizado. Segundo Coll; Marchesi e Palacios (2007):

Os problemas emocionais costumam manifestar-se em forma de ansiedade ou angústia, acompanhadas de manifestações de tristeza, choro, retraimento social, dificuldades de estabelecer relações satisfatórias, desinteresse acadêmico, dificuldades de concentração, mudanças no rendimento escolar e relação inadequada com o professor e com os colegas. A gravidade desses problemas emocionais é muito variável, pois tanto podem ser psicoses infantis ou manifestações de situações conjunturais de estresse mais relacionadas com a vida cotidiana familiar, escolar ou social. [...] Em inúmeros casos, o tratamento emocional infantil por excelência, a depressão infantil, associa-se a problemas de ansiedade e aos chamados problemas

de conduta e, inclusive, esconde-se por trás deles (COLL; MARCHESI; PALACIOS, 2007, p. 115).

Nesse sentido, cativar o estudante, fazendo com que ele sinta-se valorizado por meio de práticas educativas, é uma maneira estratégica de ajudá-lo a superar seus problemas afetivos e comportamentais. A valorização é uma ação relevante nas relações afetivas. Quando o príncipezinho entendeu em seu diálogo com o homem de negócios que “as pessoas grandes são mesmo extraordinárias” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 34), conseguiu enxergar esse valor mesmo diante da divergência de pensamentos no diálogo que havia travado com o homem de negócios.

O príncipezinho como uma criança humilde não se envaidece, entretanto também não menospreza o valor que cada pessoa ou objeto possui, ao contrário, fica o tempo todo querendo ensinar aos adultos que tudo tem importância e relevância.

Em sua trajetória, o pequeno príncipe conheceu no quinto planeta um homem responsável por acender um lampião, com esse personagem o príncipe analisou que o trabalho exercido por ele em seu planeta não estava voltado para seu próprio interesse. “Talvez porque é o único que se ocupa de outra coisa que não seja ele próprio.” (p.37) disse ele. Nessa perspectiva, na educação esse deve ser o pensamento do educador: fazer da sua profissão uma missão de formar não apenas um leitor, mas um cidadão crítico e capaz de interagir com o mundo, é fazer da sua profissão e leitura elos que contribuam para desenvolvimento de um cidadão. Sobre a relevância da leitura, Villard (1999) afirma que:

Ler é construir uma concepção de mundo, é ser capaz de compreender o que nos chega por meio da leitura, analisando e posicionando-se criticamente frente às informações colhidas, o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania (VILLARDI, 1999, p. 4).

No sexto planeta lá estava o geógrafo que ensinou para o príncipezinho o significado da palavra “efêmera”. Efêmera, disse ele: “quer dizer ameaçada de próxima desapareção” (p. 40), o que causou grande espanto no príncipezinho pensando na sua flor. Fazendo a correlação com a educação, o docente precisa enxergar o cidadão que ele forma como um grande profissional no futuro, ou seja, a educação prestada por um educador comprometido se perpetuará na vida do aluno, não ficará restrita, mas se multiplicará. Freire (1983, p. 28) afirma que “a educação tem caráter permanente”.

Várias descobertas são feitas pelo príncipezinho quando este chega ao sétimo planeta: a Terra. Após admirar-se com a imensidão da Terra ele conhece uma serpente, e trava um diálogo com a cobra. O pequeno príncipe não se dá conta que corre perigo (típico de uma

criança que não enxerga maldade), de maneira que pela inocência do príncipezinho a serpente encontra pureza em sua alma. “Mas tu és puro” (EXUPÉRY, 2009, p. 43) disse ela. No imaginário do príncipezinho, apesar de a serpente ter o poder de levar-lhe a morte, mesmo assim fora capaz de poupar-lhe por achar-lhe “puro”.

O imaginário de uma criança é facilmente atingível. Utilizar a literatura para trabalhar o imaginário da criança de forma positiva pode ser uma forma estratégica da educação para reforçar a afetividade e ajudá-la a construir relevantes valores morais. Sobre isso, Vygotsky (1996) declara que:

A importância do trabalho criador (imaginativo) se verifica no desenvolvimento da criatividade infantil, na evolução e no amadurecimento da criança, pois no plano imaginário podem ser observados os desenvolvimentos cognitivos, pelo raciocínio estimulado, assim como a memória além de uma amplitude nas noções de valores morais. (VYGOTSKY, 1996, p. 18).

Nesse sentido, estimular o imaginário da criança por meio da literatura representa, respectivamente, colaborar para a sua formação psicológica, bem como capacitá-la a integrar-se em seu meio social.

Continuando sua caminhada o príncipezinho atravessa um grande deserto e encontra uma flor muito simples de apenas três pétalas que quando indagada sobre os homens, lhe assegura secamente: “[...] não se pode nunca saber onde se encontram. O vento os leva. Eles não têm raízes. Eles não gostam das raízes” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 45). Sentir-se no deserto é como sentir-se desprovido de afetividade, é estar só, mesmo em meio a uma multidão. Quando a flor pronunciou a metáfora que os homens não gostavam de raízes, estava afirmando que eles não estavam interessados em se afeiçoar a outra pessoa, preferiam a solidão em detrimento ao amor.

Nessa perspectiva, quando uma criança é vítima da falta de afetividade no ambiente familiar, efetivamente se sentirá como se estivesse vivendo em um deserto e isso repercutirá em seu cotidiano escolar, na socialização, no aprendizado e no relacionamento com o docente, portanto:

Para que haja um desenvolvimento harmonioso é importante satisfazer a necessidade fundamental da criança que é o amor. [...] O professor, na sua responsabilidade e no seu conhecimento da importância de sua atuação, pode produzir modificações no comportamento infantil, transformando as condições negativas através das experiências positivas que pode proporcionar. Estabelecerá, assim, de forma correta, o seu relacionamento com a criança, levando-a a vencer suas dificuldades (SOUZA, 1970, p. 10-11 *apud* BRUST, 2009, p. 21).

O Pequeno Príncipe poderia ser considerado um ser solitário como o grande deserto que atravessava. Quando se observa o príncipe em seu planeta, percebe-se que ele fica só por

diversas vezes: quando não está com a sua flor, ou com seus vulcões, ou ainda retirando do seu solo os baobás. No seu encontro com o eco que repetia todas as suas palavras, o príncipezinho experimentara a sensação da solidão, de forma que só era possível ouvir apenas a voz da sua imaginação, porém quando nada disso estava a fazer, admirava o sol, o seu companheiro de fim de tarde. Isso faz parecer um menino que vive sozinho sem nenhuma esperança, mas seria realmente correto afirmar que era solitário? Na verdade o fato de deixar seu planeta e se aventurar no mundo não significam querer ser só, mas ao contrário, essa atitude lhe abriu as portas para novas amizades, novas paixões, novos horizontes. O príncipe o tempo todo vivencia situações que proporcionam estímulos. São os estímulos que impulsionam a realização de novos objetivos e desejos; pessoas solitárias perdem o desejo de se relacionarem com o outro e se isolam em seus pensamentos desencadeando futuros problemas psicológicos.

Nesse sentido, vale salientar que a literatura infantil possui a característica de estimular a imaginação da criança, permitindo que esta mergulhe na história criando novas perspectivas de aprendizado e melhora comportamental, Fernandes (2003) ressalta que:

A Literatura Infantil faculta à criança a compreensão dos seres humanos, do mundo ao seu redor e de si mesma. As boas obras modernas podem desenvolver prontidão para a imitação de virtudes, o cultivo de sentimentos altruístas e o desenvolvimento da consciência de que é preciso respeitar as riquezas naturais, sem opressão ou constrangimentos (FERNANDES, 2003, p. 10).

Não apenas isso, o momento da leitura também pode proporcionar interatividade e com isso novas possibilidades de amizades e afetividades poderão surgir.

Depois de caminhar bastante tempo o pequeno príncipe encontra um belo jardim de rosas e fica admirado com tantas rosas, pois só conhecia uma flor que ficara em seu planeta e que ele acreditava só existir uma única flor: a sua. Porém, nesse momento o príncipezinho descobre que todas essas que encontrou no jardim eram iguais à sua flor.

Figura 11 – Jardim de Rosas



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2009.

O príncipezinho sentia-se vaidoso por imaginar que era o único a possuir uma rosa que era exclusiva, portanto nesse momento fica muito triste e sente-se decepcionado, pois descobre que sua flor mentiu e não é a única rosa no universo, mas que existiam milhares iguais a ela. O sentimento de decepção causa-lhe depreciação e baixa auto-estima.

Na infância, muitas crianças enfrentam situações de decepção, falta de predileção por parte dos pais, “um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos” (ANTUNES, 2006, p.5), às vezes até sentimentos de rejeição. Essas emoções no sentido comportamental podem torná-las crianças imaturas, ansiosas, com baixa auto-estima, inseguras, introvertidas e depressivas.

É nesse momento que a afetividade e o amor devem ser manifestos por parte do educador. Buscar os meios que proporcionem alegria, encanto, valorização e interatividade é uma maneira relevante e eficaz de demonstrar a afabilidade aos alunos. De forma que:

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular [...] Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento (RODRIGUES, 1976, p.174 *apud* BRUST, 2009, p. 25).

Nesse sentido, ao passo que o professor narra a história de forma lúdica para as crianças, ao mesmo tempo pode trabalhar suas emoções e formas de pensar, de agir, de ver além das situações e de poderem sentir-se valorizadas.

O Pequeno Príncipe, apesar de sua tristeza e decepções não fica estático nem procura esconder-se em sua angústia, mas continua a caminhada à procura

Não acomodar-se em sua tristeza, mas tornar-se resiliente já é uma característica peculiar do pequeno príncipe. Desde o início de sua caminhada distante do seu planeta, mesmo diante do grande deserto, dos perigos, das incertezas, dos questionamentos o príncipezinho não desistiu do seu objetivo: o belo. Como ele exclama: “Quer seja a casa, as estrelas ou o deserto, o que os torna belo é invisível” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.76).

Toda essa caminhada e o deserto enfrentado pelo príncipe formavam elementos transformadores de sua personalidade, pois o príncipezinho mesmo só tendo seis anos de idade já demonstrava em suas atitudes qualidades que alguns seres humanos não possuem, essas virtudes como gentileza, paciência, capacidade de perdoar, humildade, generosidade e honestidade fazem parte das pessoas que são capazes de amar o outro, nas diversas formas do amor.

A literatura *O Pequeno Príncipe*, através das lições demonstradas pelo príncipezinho é uma forma prática, prazerosa e sutil de educar, de formar uma personalidade, de auxiliar os alunos em suas angústias e sentimentos de fragilidade emocional e nos desafios a serem ultrapassados. O papel do educador deve ser de apoiá-los, mostrando-lhes que cada obstáculo encontrado e posteriormente vencido pode significar aprendizado de grande relevância para quem os enfrenta.

4.2 O encontro do príncipezinho com a raposa e a rosa - uma abordagem à afetividade e ao amor correlacionando à educação

O amor e a afetividade na vida de uma criança são essenciais para um desenvolvimento psicológico sadio, Antunes (2006, p. 5) ressalta que “a afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, o que se traduz em amor”. A afetividade, então é o eixo motor das emoções e é o que vai determinar a auto-estima, segurança e resolutividade na vida da criança e conseqüentemente em toda a sua existência.

Henri Wallon⁵, psicólogo, médico e filósofo procurou centrar atenções ao tema afetividade, tal importância encontrou nesse assunto. Segundo Wallon (2010), a criança ultrapassa cinco estágios que são:

O emocional (3 meses a 1 ano) acontece no primeiro ano de vida da criança- é predominantemente afetivo e é por meio da afetividade que a criança estabelece suas primeiras relações sociais e com o ambiente;

Sensório-motor (12 a 18 meses) Esse estágio se estende até por volta dos 3 anos de idade e tem predomínio das relações exteriores e da inteligência;

Personalismo (3 a 6 anos) Crise de Oposição (3 a 4 anos) Idade da graça (4 a 5 anos) Imitação (5 a 6 anos);

Categorial (6 a 11 anos) predominando a inteligência e a exterioridade, no estágio categorial, que se estende até por volta dos onze anos de idade;

Adolescência (a partir dos 11 anos) As transformações físicas e psicológicas da adolescência acentuam o caráter afetivo desse estágio (WALLON, 2010, p. 35-36).

De acordo com Wallon, o desenvolvimento cognitivo na infância, adolescência e sucessivamente no decorrer da existência depende da afetividade interiorizada nos primeiros estágios, ou seja, “afetividade e cognição estarão, dialeticamente, sempre em movimento,

⁵ http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2004/ep127/Emocao_e_afetividade_a.htm.

alternando-se nas diferentes aprendizagens que o indivíduo incorporará ao longo de sua vida” (WALLON, 2010, p. 36).

Nesse sentido, pode-se dizer que a afetividade funciona como um sistema que rege de forma influente e relevante nas emoções, sentimentos, paixão e estados de espírito e posteriormente vai se tornando complexa até atingir a cognição.

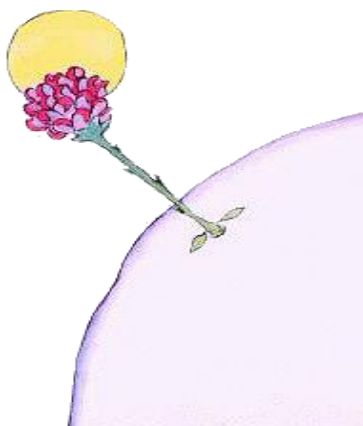
Nesse aspecto, a afetividade possui grande relevância no processo da aprendizagem infantil já que o afeto se manifesta através dos sentimentos que irão gerar o interesse nas crianças. Segundo Piaget (1995):

O desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: cognitivo e o afetivo. Afeto inclui sentimentos, interesses, desejos, tendências, valores, e emoções em geral. Para o autor, eles são inseparáveis, pois, defende que toda ação e pensamento comportam um aspecto cognitivo, que é representado pelas estruturas mentais, e um aspecto afetivo, representado por uma energética, que é a afetividade. Deste modo a afetividade constitui aspecto indissociável da inteligência, pois ela impulsiona o sujeito a realizar as atividades propostas (PIAGET, 1995 *apud* RABECINI; PARRA, 2015, p. 5).

Corroborando com esse pensamento, para Vygotsky (1994 *apud* RABECINI; PARRA, 2015, p. 5) é no pensamento que se originam as motivações das quais estão ligados sentimentos de interesse, dedicações, necessidades, afetos e emoções. É de suma relevância que os aspectos cognitivos e afetivos estejam unidos à atividade psicológica do sujeito. Nesse sentido, trabalhar o psicológico da criança por meio da leitura pode ser uma forma prática de despertar sentimentos positivos que venham colaborar para um desenvolvimento emocional e saudável.

Nessa perspectiva, o livro *o pequeno príncipe* descreve o sentimento de amor que é evidenciado pelo príncipezinho dedicado a uma flor, para a qual ofertara todo seu cuidado para que ninguém a fizesse mal.

Figura 12 – A flor do pequeno Príncipe



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2009.

Em um diálogo com seu amigo, o príncipezinho pergunta:

- E se eu, por minha vez, conheço uma flor única no mundo [...] - isto não tem importância?! E continua:

- Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que seja feliz quando a contempla (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.17).

O amor do pequeno príncipe é claramente evidenciado no amparo que dedica à sua flor e no valor que confere a ela. Ele exercita o ato de amar à sua flor sem lhe pedir nada em troca, é um amor livre de egoísmos, porém só se ama quem se conhece de verdade. Ele descreve:

Pude bem cedo conhecer melhor aquela flor. Sempre houvera, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, ornadas de uma só fileira de pétalas, e que não ocupavam lugar nem incomodavam ninguém. Aparecia certa manhã na relva, e já à tarde se extinguíam. Mas aquela brotara um dia de um grão trazido não se sabe de onde, e o príncipezinho vigiara de perto o pequeno broto, tão diferente dos outros. Podia ser uma nova espécie de baobá. Mas o arbusto logo parou de crescer, e começou então a preparar uma flor. O príncipezinho, que assistia à instalação de um enorme botão, bem sentiu que sairia dali uma aparição miraculosa; mas a flor não acabava mais de preparar-se, de preparar sua beleza, no seu verde quarto. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. No radioso esplendor da sua beleza é que ela queria aparecer. Ah! Sim. Era vaidosa. Sua misteriosa toalete, portanto, duraram dias e dias. E eis que uma bela manhã, justamente à hora do sol nascer, havia-se, afinal, mostrado (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p.19).

O pequeno príncipe, em seu relato demonstra que a conhecia de verdade, pois houve um acompanhamento no desenvolvimento do nascimento daquela flor, desde o broto até sua aparição completa.

Para um verdadeiro aprendizado é necessário que o educador dedique-se aos seus alunos, pois “só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos” (p. 53), de maneira que conhecê-los em sua essência é fundamental: suas dificuldades emocionais e intelectuais; seus valores e imperfeições e a partir daí procurar auxiliá-los com amor.

Aí está a importância do papel do verdadeiro educador, que precisa transformar a escola em um lugar aconchegante e amigável, prezando sempre o bem estar dos alunos. Educar com amor pode transformar a realidade de muitas crianças, que quando tem suas carências afetivas supridas, sentem-se valorizadas e respeitadas, e passam a se desenvolver e a participar do processo de ensino aprendizagem com muito mais dedicação (REGINATTO, 2013, p. 2).

Amar os alunos é mais que simplesmente educar, é doar-se sem esperar recompensas, embora o maior prêmio para um verdadeiro educador é poder ser um participante do processo de aprendizagem da criança. Dessa forma, quando a criança encontra um lugar harmonioso com um professor que lhe transmita segurança e amor, logo se criará

um laço afetivo que certamente estimulará a melhora da autoestima do aluno e o aprendizado será natural e completo.

No momento em que o pequeno príncipe estava deitado na relva, triste por ter descoberto que sua flor não era a única no mundo, mas que existiam milhares delas escutou um “bom dia” que vinha de uma raposa que transformou aquela tristeza em um aprendizado que mudaria sua vida: o sentimento de afetividade.

Figura 13 – O Pequeno Príncipe deitado na relva



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2009.

O encontro se deu em um belo diálogo entre o príncipezinho e a raposa que fez com ele entendesse o que realmente significava cativar e criar laços.

Eu procuro amigos. Que quer dizer "cativar"?
 - É uma coisa muito esquecida, disse a raposa. Significa "criar laços...
 - Criar laços? - Exatamente, disse a raposa. Tu não és para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu não tens também necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...
 - Começo a compreender, disse o príncipezinho. Existe uma flor... eu creio que ela me cativou... (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 49).

O encontro do príncipe com a raposa é um dos momentos mais impactantes, pois ambos se tornarão amigos, um afeto irá surgir no decorrer do diálogo entre eles realizado. Em cada planeta que o príncipe passou, realizou várias conversações, mas esse era diferente. Nos outros, os sujeitos eram vazios, buscavam coisas fúteis e não criavam vínculos com o príncipezinho.

O príncipe até tentou se esquivar, pois queria conhecer outras pessoas e coisas, mas foi a raposa quem o ensinou que só se conhece verdadeiramente alguém ou algo se o cativar primeiro. Disse a raposa ao príncipezinho:

“- A gente só conhece bem as coisas que cativou, disse a raposa. Os homens não têm mais tempo de conhecer alguma coisa. Compram tudo prontinho nas lojas. Mas como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!” (p. 51).

Cativar alguém requer tempo e dedicação. Quando se cativa alguém, logo se é cativado também, é uma reciprocidade de afeto. É provável que em algumas situações o professor encontre um aluno desmotivado e sem interesse de socializar-se, nesse momento será necessário cativar sua confiança para poder auxiliá-lo em sua prostração.

Nesse sentido, as práticas pedagógicas devem ser pautadas no conhecimento prévio da criança, cativando sua atenção e sua confiança em um relacionamento baseado em afetividade mútua.

Figura 14 – O encontro do Pequeno Príncipe com a raposa



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2009.

- Que é preciso fazer? Perguntou o principezinho. - É preciso ser paciente, respondeu a raposa (p. 51).

A paciência é um dos pontos mais importantes no ato de conhecer algo ou alguém, requer disposição e empatia para então se tornar afeto. Afetividade, portanto é idealizada como “um sentimento, um estado e uma ação que se transformam em expressão humana de amor, ternura, proteção, cuidado, respeito, aceitação, amizade e afeição entre as pessoas” (RIBEIRO; JUTRAS, 2006, p. 42).

Esse era o objetivo da raposa quando propôs ao principezinho para que criassem laços ou que ele a cativasse: era fazer com que sentimentos dessa natureza os envolvessem e jamais se sentiriam sozinhos ou desprotegidos.

O educador deve proporcionar um ambiente em que a criança possa sentir-se protegida, considerada e compreendida por suas fragilidades e inseguranças, mas em alguns casos esse processo é lento e gradativo, vai depender dos laços afetivos que serão construídos no decorrer do tempo. Segundo Ribeiro e Jutras (2006):

Num ambiente afetivo, seguro, os alunos mostram-se calmos e tranqüilos, constroem uma auto-imagem positiva, participam efetivamente das atividades propostas e contribuem para o atendimento dos objetivos educativos. No caso contrário, o aluno rejeita o professor e a disciplina por ele ministrada, perde o interesse em frequentar a escola, contribuindo para seu fracasso escolar (RIBEIRO; JUTRAS, 2006, p. 43).

Nessa perspectiva, o educador precisa empreender esforços, utilizando métodos que estimulem seus alunos a desejarem estudar e aprender. A literatura pode ser uma prática geradora de incentivo à aprendizagem quando direcionada às necessidades dos seus alunos, por isso a necessidade de conhecê-los em suas fragilidades e necessidades.

Disse a raposa ao príncipezinho:

“- Se tu vens, por exemplo, às quatro da tarde, desde as três eu começarei a ser feliz. Quanto mais a hora for chegando, mais eu me sentirei feliz. Às quatro horas, então, estarei inquieta e agitada: descobrirei o preço da felicidade!” (SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 51).

À medida que os laços afetivos vão se formando, mais os sujeitos irão desejar estarem mais próximos um do outro. No âmbito da educação, quanto mais o educador cativa seus alunos, seja afetivamente ou com práticas pedagógicas estimuladoras, mais almejarão frequentar a escola e aprender. Tal a importância da afetividade nas práticas educativas que Santos et al. (2010) respaldam que:

A afetividade empregada nas atividades educativas favorece a participação e facilita o entendimento do assunto e motivam as mudanças [...]. Valoriza-se com esta ferramenta a escuta dos conceitos que são trazidos por todos; independente da idade, condição social, cultural e assim respeitando e conduzindo com maior compromisso de ambos os lados as mudanças de comportamento, que passarão da intenção para ação (SANTOS et al., 2010, p. 117).

Nesse caso, a afetividade pode favorecer nas mudanças de comportamentos desde o fator emocional, comportamental, assim como o intelectual. Portanto, educar com afeto é “tanto ou mais importante do que educar com todos os meios e recursos pedagógicos ideais, para um adequado desenvolvimento das crianças. É importante assinalar que o educador desempenha um papel crucial na vida das crianças” (LUZ, 2014, p. 4).

E o príncipezinho cativou a raposa e enfim tornaram-se amigos, mas chegou o momento de ir embora e foi então rever as rosas e disse a elas:

- Vós não sois absolutamente iguais à minha rosa, vós não sois nada ainda. Ninguém ainda vos cativou, nem cativastes a ninguém. Sois como era a minha raposa. Era uma raposa igual a cem mil outras. Mas eu fiz dela um amigo. Ela é agora única no mundo ((SAINT-EXUPÉRY, 2009, p. 53).

As rosas ficaram decepcionadas, mas ele explicou que apesar de serem belas, eram vazias, não haviam sido cativadas, mas à sua rosa, lhe dedicou esforços, regou, cuidou, protegeu, escutou e compreendeu seus lamentos, ou seja, criou laços e, portanto, era especial.

O príncipe retornou para despedir-se de sua amiga raposa e ela lhe falou:

“Foi o tempo que perdeste com tua rosa que fez tua rosa tão importante. - Os homens esqueceram essa verdade, disse a raposa. Mas tu não a deves esquecer. Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Tu és responsável pela rosa...” (p.53). E o príncipezinho confirmou.

Essa é a essência da questão: educar é tornar-se responsável que por quem quis ser responsável. Quando o professor dedica-se ao aluno, buscando os melhores métodos de ensino, cuidando, acompanhando, escutando, protegendo, vendo seu crescimento, consequentemente criará laços de afetividade, certamente não será apenas um aluno, será alguém especial, inesquecível: uma árvore que certamente produzirá excelentes frutos, pois “A afetividade é um dos principais elementos do desenvolvimento humano”. (ANDRADE, 2006, p. 13).

É preciso que o educador tenha o olhar do príncipe quando escolhe a nobre missão de ensinar. Disse ele: “- Tu sabes... minha flor... eu sou responsável por ela! Ela é tão frágil! Tão ingênua! Tem quatro espinhos de nada para defendê-la do mundo...” (EXUPÉRY, 2009, p. 65). Assim são as crianças quando começam a aprender, necessitam de apoio, paciência e dedicação.

“- Eu sou responsável pela minha rosa... repetiu o príncipezinho, a fim de se lembrar.” (p.53).

É imprescindível que o educador lembre-se que sua responsabilidade é formar cidadãos; escolher os melhores métodos de ensino é uma demonstração de responsabilidade e afetividade dedicada ao aluno, sobre isso Andrade (2006) comenta:

[...] a escola deve se ocupar com seriedade com a questão do “saber,” do “conhecimento”. Se um professor for competente, ele, através de seu compromisso de educar para o conhecimento, contribuirá com a formação da pessoa, podendo inclusive contribuir para a superação de desajustes emocionais. (RANGEL apud ANDRADE, 2006, p. 14).

As práticas educativas escolhidas pelo professor precisam estar pautadas nas relações de afetividade e cooperação, oportunizando situações que proporcionem prazer e conhecimento ao aluno afim de que haja um crescimento coletivo.

A utilização da literatura é uma prática educativa e prazerosa capaz de proporcionar não somente ensinamentos acadêmicos, mas também preceitos para a vida que poderão acompanhar o aluno durante toda sua vida. Coelho (2000) afirma:

Daí a importância que se atribui, hoje, a orientação a ser dada as crianças, no sentido de que, ludicamente, sem tensões ou traumatismos, elas consigam estabelecer relações fecundas entre o universo literário e seu mundo interior, para que se forme, assim, uma consciência que facilite ou amplie suas relações com o universo real que elas estão descobrindo dia-a-dia e onde elas precisam aprender a se situar com segurança, para nele poder agir (COELHO, 2000, p. 51).

Nessa perspectiva, tendo em vista que a literatura *O Pequeno Príncipe* contém lições extraordinárias para a vida, utilizá-la como leitura no processo de ensino/aprendizagem dos alunos pode ser uma maneira responsável e eficaz de possibilitar transformações nos relacionamentos sociais, comportamentais e cognitivos dos alunos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o livro *O Pequeno Príncipe* é uma literatura de linguagem reflexiva e de ensinamentos morais e afetivos, este estudo abordou os temas amor e afetividade a partir da análise da obra, correlacionando a sua aplicabilidade no processo ensino/aprendizagem.

Para responder às questões norteadoras “a literatura poderá contribuir para proporcionar mudanças de valores e comportamentos nas socializações? As fragilidades das relações podem afetar o processo de ensino e aprendizagem?”, procurou-se analisar a obra o pequeno príncipe baseando-se nos ensinamentos sobre o amor e a afetividade extraídos do livro, correlacionando-os às práticas educacionais. Para revalidar os resultados, utilizou-se livros, artigos e sites *on-line*.

Pelo fato de que os conflitos interpessoais podem tornar-se bloqueadores na aprendizagem e nos relacionamentos, pois de acordo com Piaget (2001), os aspectos cognitivos e afetivos são inseparáveis, o estudo constatou que o emprego da literatura no processo ensino/aprendizagem associado ao amor e à afetividade poderá contribuir não apenas para um aprendizado acadêmico eficaz, mas também para transformações comportamentais de socialização e de autoestima.

Conclui-se que a utilização da literatura no processo de ensino/aprendizagem constitui uma das ferramentas mais relevantes para o desenvolvimento cognitivo e aprendizagem dos estudantes, devido proporcionar a construção de conceitos significantes para o relacionamento interpessoal de forma lúdica e agradável.

Esperamos que o estudo possa motivar a elaboração de outras pesquisas na área, bem como venha contribuir para a reflexão de educadores sobre o seu papel enquanto mediador do conhecimento, entendendo a relevância da literatura nas práticas educativas pautadas em sentimentos de amor e afetividade a fim de oferecer uma educação prazerosa e humanizada.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, Diane. **Uma história natural do amor**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- ALMEIDA, Hamilton. **O amor através dos tempos**. Universo dos Livros, 2015, p. 238. Disponível em: <w.w.w.https://books.google.com.br/books>. Acesso em: 03 abr. 2018.
- AMAB. Associação Memória da Aéropostale no Brasil. **Saint- Exupéry**: perfil, vida e obra. 2017. Disponível em: <<https://amab-zeperri.com/saint-exupery/obra/>>. Acesso em: 31 maio 2018.
- ANDRADE, Maria Cecília Milagre. **Afetividade e Aprendizagem**: relação professor e aluno. 2006. 46 f. Monografia (Pós- graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional) – Faculdade Cenecista da Ilha do Governador, Ilha do Governador. Disponível em <http://www.administradores.com.br/.../afetividade-e-aprendizagem-relacao-professor-e-alun....> Acesso em: 10 jun., 2018.
- ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola**: educando com firmeza. Londrina: Maxiprint, 2006. 194 p.
- BARBOSA, Débora Regina. **Império do Amor Romântico**: diferenças culturais e sexuais em casais de noivos no Brasil e na Itália. 2008. 134 f. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <w.w.w. http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Imperio-do-amor....>. Acesso em: 26 mar. 2018.
- BARROS, José D'Assunção. A poética do amor cortês e os trovadores medievais - caracterização, origens e teorias. **Aletria**, Belo Horizonte, v.25, n.1, p. 215-228, 2015. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuario/Desktop/6290-26944-1-PB.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2018.
- BAUMAN, Zigmunt. **Amor líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 3 ed. São Paulo: Harbra, 1986.
- BOTO, Carlota. Ética e educação clássica: virtude e felicidade no justo meio. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, ano 22, CEDES, out. 2001. p. 121-146. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302001000300008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 jun., 2018.
- BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental**. 2009. 40 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: <<http://www.uel.br/ceca/pedagogia/pages/arquivos/JOSIANE%20REGINA%20BRUST.pdf>>. Acesso em: 04 jun., 2018.
- CHARTIER, Roger. **História da vida privada**: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3, p. 598, 2009.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação**: transtornos do desenvolvimento e necessidades educativas especiais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CORREIA, Mônica Cristina. A Guerra é uma doença. In: Saint-Exupéry, Antoine de. **Piloto de guerra**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8543803942>>. Acesso em: 02 maio, 2018.

ENCONTRADO avião de Saint-Exupéry. **Jornal Folha de São Paulo**, São Paulo, 04 jul. 2004. Mundo, p. 1. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u71363.shtml>>. Acesso em: 31 maio, 2018.

FAY, Claudia Musa. As viagens de Saint-Exupéry pela América do Sul. **Estudos Ibero-Americanos**: PUCRS, v. 38, supl., p. 100-107, nov. 2012. Disponível em: <http://w.w.w.repositorio.pucrs.br/.../2/As_viagens_de_Saint_Exupery_pela_America_do_Sul.pdf>. Acesso em: 30 maio 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica** - Apostila. Fortaleza: UEC, 2002. Disponível em: <http://eg.ufpi.br/subsiteFiles/.../Apostila_-_METODOLOGIA_DA_PESQUISA%281%29.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2018.

FRAZÃO, Dilva. **Biografia de Antoine de Saint-Exupéry**. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/antoine_de_saint_exupery/>. Acesso em: 02 maio, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Virgílio (Trad.). In: Saint-Exupéry, Antoine de. **Cidadela**. Campinas, São Paulo: Gallimard, 2016. p. 560. Disponível em: <http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU_Data/Books/N1472219047731/Amostra.pdf>. Acesso em: 20 maio 2018.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo, Ed. Unesp, 1994.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011. p. 89.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LEWIS, Clive Staples. **Alegoria do amor**: um estudo da tradição medieval. 1936. Gregersen, Gabriele (Trad). São Paulo: Erealizações, 2012.

LINS, Regina Navarro. **O livro do amor**: da Pré-história à Renascença. Rio de Janeiro: Best Seller, v 1, 2012. p. 296.

_____. **O livro do amor: do Iluminismo à atualidade.** Rio de Janeiro: Best Seller, v. 2, 2012. p. 297.

LIPOVETSKY, G. **Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia, empresa.** Porto Alegre: Sulina, 2004. Disponível em:
<https://books.google.com/books/about/Metamorfoses_da_cultura_liberal.html?hl>. Acesso em: 20 abr. 2018.

LUZ, Rita Miguel da. **A importância da afetividade em crianças de idade pré-escolar.** 2014. 76 f. Dissertação Mestrado em Educação) - Universidade do Algarve Escola Superior da Educação e Comunicação, Faro. Disponível em:
<https://w.w.w.sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8298/1/Relat%C3%B3rio%20Final_RitaLuz.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2018.

MARCIA, James. E. Development and validation of ego identity status. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 3, n. 5, p. 551-558, 1966. Disponível em:
<<https://w.w.w.pdf.semanticscholar.org/.../f3fbada1eb7a01052255f5860>>. Acesso em: 20 mar. 2018

MEIRELES, Ricardo da Silva; MORAES, Cíntia da Silva. Ecos da resistência em o pequeno príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry, e a trilha dos ninhos de aranha, de Ítalo Calvino. **Litterata**, Ilhéus, v. 6, n. 2, p. 103-123, jul./dez., 2016. Disponível em: <<http://file:///C:/-EcosDaResistenciaEmOPequenoPrincipeDeAntoineDeSaint-Exupery-6132671.pdf>>. Acesso em: 31 maio, 2018.

MILAN, Betty. **O que é o amor.** Rio de Janeiro: Record, 1999. 101 p.

NEHRING, Cristina. **Em defesa do amor: Resgatando o romance no século XXI.** Santos, Fátima (trad). Best Seller, 2012. p. 322.

PIAGET, Jean. **Inteligencia y afectividad.** Buenos Aires: Aique, 2001.
PRETTO, Zuleica; MAHEIRIE, Kátia; TONELI, Maria Juracy F. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 395-403, abr./jun. 2009. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v14n2/v14n2a20.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2018.

PROST, Antoine; VINCENT, Gérard. Uma história do segredo. In: Ariès, Philippe, Duby, Georges (orgs.). **História da vida privada: da primeira guerra aos nossos dias.** São Paulo, Cia das Letras, p. 137-364, 1992.

QUADROS, Elton Moreira. Eros, Fília e Ágape: o amor do mundo grego à concepção cristã. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 33, n. 2, p. 165-171, 2011.

RABECINI, Marinês G. da Silva; PARRA, Cláudia Regina. O papel da afetividade na aprendizagem infantil. **Psicologia**. PT, São Paulo, 2015. 10 p. Disponível em:
<<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0869.pdf>>. Acesso em: 09 jun., 2018.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. **Revista de Educação do Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 18, jul./dez., 2013. Disponível em:

<https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11_1.pdf>. Acesso em: 09 jun., 2018.

RIBEIRO, Marinalva Lopes, JUTRAS France. Representações sociais de professores sobre afetividade. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 23, n.1, p. 39-45, jan./mar., 2006.

RÜDIGER, Francisco. O amor no século XX: Romantismo democrático versus intimismo terapêutico. **Tempo Social Revista de Sociologia** da USP, São Paulo, v. 24, n. 2, Nov., 2012. p. 149-168. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v24n2/v24n2a08.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

URANGA, J. AGUINALDO; FONTES, GILSON V; MAIOR, NILSON S. (Rev.) In: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Vô noturno**. Viciados em Livros: ePub, 2013. 48p.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B8YU1i_BYldZbFRrNFpsb0pvYWc/edit>. Acesso em: 01 jun. 2018.

_____. **O pequeno príncipe**. Ferreira, Gullar (Trad.). Rio de Janeiro: Agir, 2013.

_____. **Piloto de guerra**. Corrêa, Mônica Cristina (Trad.) 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

SANTOS, Suely Ferreira dos; CAMPINAS, Lúcia de Lourdes Souza Leite; SARTORI, Jaqueline Alves Lopes. A afetividade como ferramenta na adesão às orientações sobre educação em saúde bucal na Saúde da Família. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 34, n.1 p. 109-119, 2010.

SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e alfabetização**: do plano de choro ao plano de ação. Porto Alegre: Artmed, 2001. 238 p.

SCHMITT, Sabine; IMBELLONI, Michelle. **Relações amorosas na sociedade contemporânea**. PsicologiaPT, 2011, p. 9. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0583.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SILVA, Nuno Francisco Ferreira. **Teoria da Vinculação**. 2014, 39 f. Monografia (Mestrado do Curso de Medicina). Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/73037/2/29056.pdf>>. Acesso: 09 mar. 2018.

TANNAHILL, Reay. **O sexo na história**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

VIGOTSKY, L. S. **La imaginación y el arte em la infância**. (Ensayo psicológico). 3. ed. Madrid, Espanha: Akal., 1996.

VILLARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler - e formando leitores para a vida inteira**. Rio de Janeiro: Dunya, 1999.

VRISSIMTZIS, Nikolaos. **Amor, sexo & casamento na Grécia Antiga**. São Paulo: Odisseus, 2002.

WALLON, Henri. **Henri Walon**. Junqueira, Patrícia (Trad. Org). Recife: Fundação Joaquim Nabuco,. Massangana, 2010. 134 p

WEBSTER, Paul. **Biografia de Antoine de Saint-Exupéry vida e Morte do Príncipezinho**. 1 ed., vogais: 2014. p, 320.

ZSCHIRNT, Christiane. **Livros:** tudo o que você não pode deixar de ler. São Paulo: Globo, 2006.